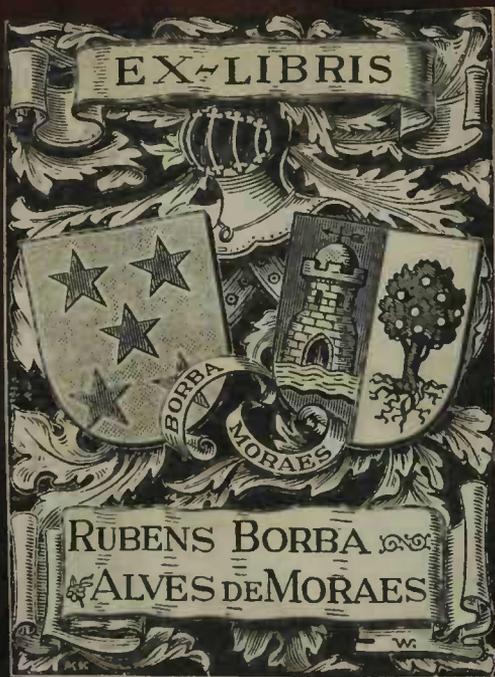


EX-LIBRIS



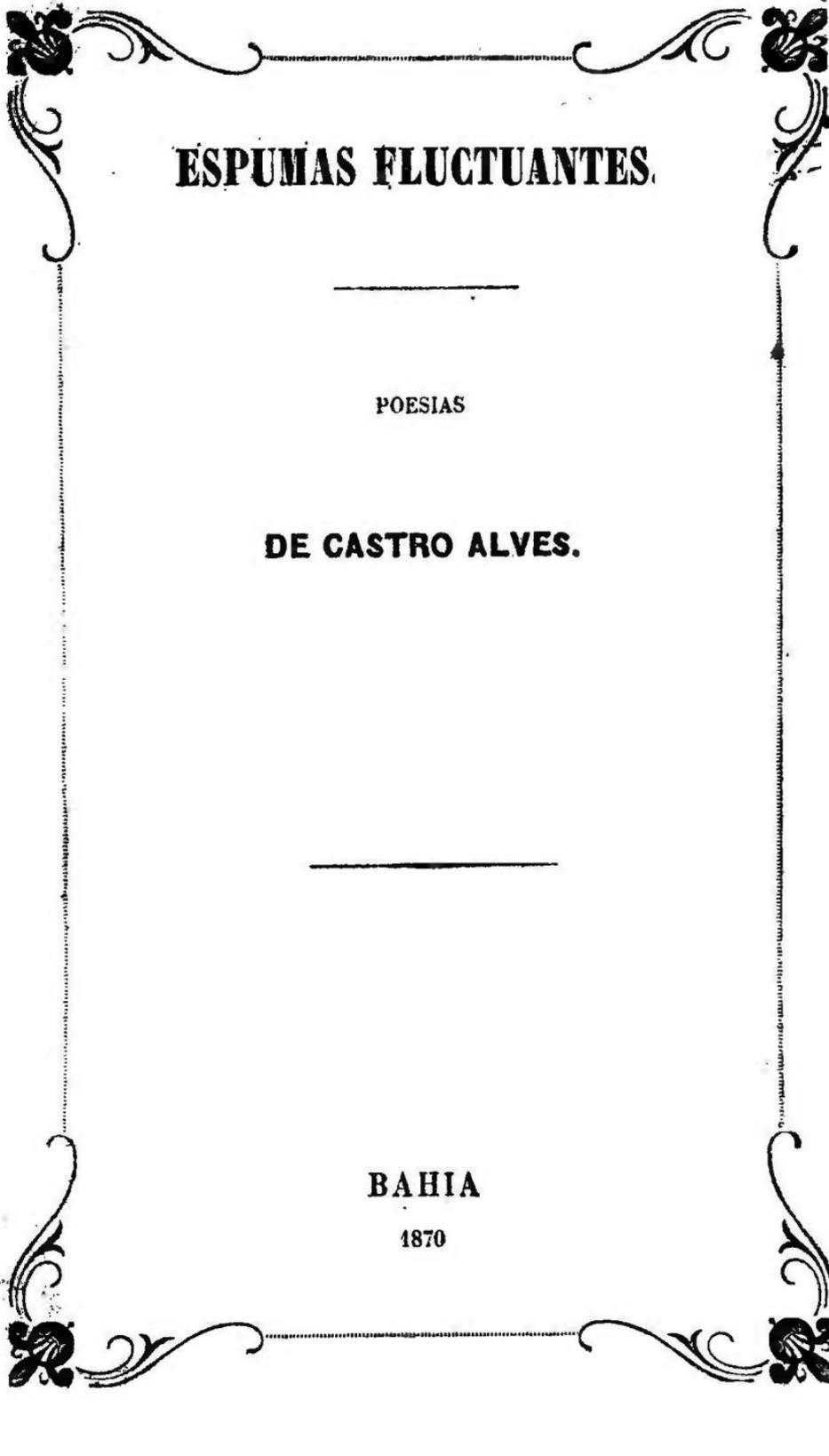
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

le ne fay rien
sans.

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



ESPUMAS FLUCTUANTES.

POESIAS

DE CASTRO ALVES.

BAHIA

1870

ESPUMAS FLUCTUANTES.

ESPUMAS FLUCTUANTES.

POESIAS

DE

CASTRO ALVES,

ESTUDANTE DO QUARTO ANNO DA FACULDADE DE DIREITO DE S. PAULO.

BAHIA

1870

Typ. de Camillo de Lellis Masson & C.

A' MEMORIA

DE

MEU PAE, DE MINHA MÃE E DE MEU IRMÃO.

O. D. C.

PROLOGO.

Éra por uma d'essas tardes em que o azul do céu oriental—é pallido e saudoso, em que o rumor do vento nas vergas—é monotonico e cadente, e o quebro da vaga na amurada do navio—è queixoso e tetrico.

Das bandas do occidente o sol se atufava nos mares « como um brigue em chammás »... e d'aquelle vasto incendio do crepusculo alastrava-se a cabeça loura das ondas.

Além... os cerros de granito d'essa formosa terra de Guanabara, vacillantes, á luctarem com a onda invasora de azul, que descia das alturas, ... recortavam-se indecisos na pentumbra do horizonte.

Longe, inda mais longe... os cumos phantasticos da serra dos Orgãos embeciam-se na distancia, sumiam-se, abysmavam-se n'uma especie de naufragio celeste.

Só e triste, encostado á borda do navio, eu séguia com os olhos aquelle esvaccimento indifinido e minha alma apegava-se á forma vacillante das montanhas—derradeiras atalaias dos meus arraiaes da mocidade.

É que lá d'essas terras do sul, para onde eu levava o fogo de todos os entusiasmos, o viço de todas as illusões, os meus vinte annos de seiva e de mocidade, as minhas esperanças de gloria e de futuro;... é que d'essas terras do sul, onde eu penetrara « como o moço Raphael subindo as escadas do Vaticano; »... volvia agora silencioso e alquebrado... trazenda por unica ambição—a esperanza de repouso em minha patria.

Foi então que, em face d'estas duas tristezas—a noite que descia dos céus,—a solidão que subia do oceano—, recordei-me de vós, ó meus amigos!

E tive pena de lembrar que em breve nada restaria do peregrino na terra hospitaleira, onde vagara; nem se quer a lembrança d'esta alma, que comvosco e por vós vivera e sentira, gemera e cantara...

O' espiritos errantes sobre a terra! O' velas eufunadas sobre os mares!... Vós bem sabeis quanto sois ephemerous...—passageiros que vos absorveis no espaço escuro, ou no escuro esquecimento.

E quando—comediantes do infinito—vos obumbraes nos bastidores do abysmo, o que resta de vós?

—Uma esteira de espumas...—flores perdidas na vasta indifferença do oceano.—Um punhado de versos...—espumas fluctuantes no dorso fero da vida!...

E o que são na verdade estes meus cantos?...

Como as espumas, que nascem do mar e do céu, da vaga e do vento, elles são filhos da musa—este sopro do alto; do coração—este pelago da alma.

E como as espumas são, as vezes, a flora sombria da tempestade, elles por vezes rebentaram ao estalar fatidico do latego da desgraça.

E como tambem o aljofre dourado das espumas reflecte as opalas, rutilantes do arco-iris, elles por acaso reflectiram o prisma phantastico da ventura ou do entusiasmo—estes signos brilhantes da alliança de Deus com a juventude!

Mas, como as espumas fluctuantes levam, boiando nas solidões marinhas, a lagrima saudosa do marujo... possam elles, ó meus amigos!—ephemerous filhos de minh'alma—levar uma lembrança de mim ás vossas plagas!...

S. Salvador—Fevereiro de 1870.

CASTRO ALVES.

DEDICATORIA,

A pomba d'alliança o vôo espraia
Na superficie azul do mar immenso,
Rente... rente da espuma já desmaia
Medindo a curva do horisonte estenso...
Mas um disco se avista ao longe... A praia
Rasga nitente o nevoeiro denso!..
O' pouso! ó monte! ó ramo de oliveira!
Ninho amigo da pomba forasteira!..

Assim, meu pobre livro as azas larga
N'este oceano sem fim, sombrio, eterno...
O mar atira-lhe a saliva amarga,
O céu lhe atira o temporal de inverno...
O triste verga á tão pezada carga!
Quem abre ao triste um coração paterno?...
É tão bom ter por arvore—uns carinhos!
É tão bom de uns affectos—fazer ninhos!

Pobre orphão! Vagando nos espaços
Embalde ás solidões mandas um grito!
Que importa? De uma cruz ao longe os braços
Vejo abrirem-se ao misero precito...
Os tumulos dos teus dão-te regaços!
Ama-te a sombra do salgueiro afflicto...
Vai, pois, meu livro! e como louro agreste
Traz-me no bico um ramo de... cypreste!

Bahia, Janeiro de 1870.

Ó LIVRO E A AMERICA.

AO GREMIO LITTERARIO.

Talhado para as grandezas;
P'ra crescer, crear, subir,
O novo-mundo nos musculos
Sente a seiva do porvir.
—Estatuario de colossos—
Cançado d'outros esboços
Disse um dia Jehovah :
« Vai, Colombo, abre a cortina
« Da minha eterna officina. . . .
« Tira a America de lá. »

Molhado inda do diluivio,
 Qual Tritão descommunal,
 O continente desperta
 No concerto uniyersal.
 Dos oceanos em tropa
 Um—traz-lhe as artes da Europa,
 Outro—as bagas de Ceylão...
 E os Andes petrificados,
 Como braços levantados,
 Lhe apontam para a amplidão.

Olhando em torno então brada:
 - Tudo marcha!.. O' grande Deus!
 « As cataractas—p'ra terra,
 « As estrellas—para os céus.
 Lá, do polo sobre as plagas,
 « O seu rebanho de vagas
 « Vai o mar apascentar.
 « Eu quero marchar com os ventos,
 « Com os mundos... co'os firmamentos!!! »
 E Deus responde—« Marchar ! »

- Marchar!.. Mas como?.. Da Grecia
 Nos doricos Parthenons
 A mil deuses levantando
 Mil marmoreos Pantheons?..
 Marchar co'a espada de Roma
 —Leôa de ruiva coma
 De preza enorme no chão,
 Saciando o odio profundo...
 —Com as garras nas mãos do mundo,
 —Com os dentes no coração?..

« Marchar !.. Mas como a Allemanha
Na tyrannia feudal,
Levantando uma montanha
Em cada uma cathedral ?..
Não !.. Nem templos feitos de ossos,
Nem gládios a cavar fossos
São degráus do progredir...
Lá brada Cezar morrendo :
- No pugilato tremendo
« Quem sempre vence é o porvir ! »

Filhos do sec'lo das luzes!
Filhos da *Grande nação!*
Quando ante Deus vos mostrardes,
Tereis um livro na mão :
O livro—esse audaz guerreiro
Que conquista o mundo inteiro
Sem nunca ter Waterloo...
Eólo de pensamentos,
Que abrija a gruta dos ventos
Donde a Egualdade voou !... .

Por uma fatalidade
Dessas que descem de além,
O sec'lo, que vio Colombo,
Vio Guttenberg tambem.
Quando no toscó estaleiro
Da Allemanha o velho obreiro
A ave da imprensa gerou...
O Genovez salta os mares...
Busca um ninho entre os palmares
E a *patria da imprensa* achou...

Por isso na impaciencia
 D'esta sêde de saber,
 Como as aves do deserto—
 As almas buscam beber...
 Oh! Bomdito o que semêa
 Livros... livros á mão cheia...
 E manda o povo pensar!
 O livro cahindo n'alma
 É germen—que faz a palma,
 É chuva—que faz o mar.

Vós, que o templo das ideas
 Largo—abris ás multidões,
 P'ra o baptismo luminoso
 Das grandes revoluções,
 Agora que o trem de-ferro
 Acorda o tigre no cerro
 E espanta os caboc'los nús,
 Fazei d'esso « rei dos ventos »
 —Ginete dos pensamentos,
 —Arauto da grande luz!...

Bravo! a quem salva o futuro,
 Fecundando a multidão!...
 N'um poema amortalhada
 Nunca morre uma nação.
 Como Goëthe moribundo
 Brada « Luz! » o Novo Mundo
 N'um brado de Briareu...
 Luz! pois, no valle e na serra...
 Que, se a luz rola na terra,
 Deus colhe genios no ceu!...

HEBRÉA.

Flos campi et lilium convalium,

Cant. dos Canticos.

Pomba d'esperança sobre um mar d'escolhos!
Lyrio do valle oriental, brilhante!
Estrella vesper do pastor errante!
Ramo de murta á rescender cheirosa!...

Tu és, ó filha de Israel formosa...
Tu és, ó linda, seductora Hebréa...
Pallida rosa da infeliz Judéa
Sem ter o orvalho, que do ceu deriva!

Porque descoras, quando a tarde esquiva
Mira-se triste sobre o azul das vagas?
Serão saudades das infindas plagas,
Onde a oliveira no Jordão se inclina?

Sonhas acaso, quando o sol declina,
A terra sancta do oriente immenso?
E as caravanas no deserto extenso?
E os pegureiros da palmeira á sombra?!..

Sim, fôra bello na relvosa alfombra,
Juncto da fonte, onde Rachel gemêra,
Viver contigo qual Jacob vivêra
Guiando escravo teu feliz rebanho...

Depois nas aguas de cheiroso banho
—Como Suzanna á estremecer de frio—
Fitar-te, ó flor do Babylonio rio,
Fitar-te á medo no salgueiro occulto...

Vem pois!... Comtigo no deserto inculto
Fugindo ás iras de Saul embora,
David eu fôra,—se Michol tu fôras,
Vibrando na harpa do propheta o canto...

Não vês?... Do seio me gotteja o pranto
Qual da torrente do Cedron deserto!...
Como luctara o patriarcha incerto
Luctei, meu anjo, mas cahi vencido.

Eu sou o Lothus para o chão pendido.
Vem ser o orvalho oriental, brilhante!...
Ai! guia o passo ao viajor perdido,
Estrella vesper do pastor errante!...

Bahia, 1866.

QUEM DÁ AOS POBRES, EMPRESTA Á DEUS.

Eu, que a pobreza de meus pobres cantos
Dei aos heróes—aos miseraveis grandes—,
Eu, que sou cego,—mas só peço luzes...
Que sou pequeno,—mas só fito os Andes...,
Canto nest'hora, como o bardo antigo
Das priscas eras, que bem longe vão,
O grande NADA dos heróes, que dormem
Do vasto pampa no funereo chão...

Duas grandezas n'este instante cruzam-se!
Duas realezas hoje aqui se abraçam!...
Uma—é um livro laureado em luzes...
Outra—uma espada, onde os laureis se enlaçam.

* Ao Gabinete Portuguez de leitura, por occasião de offerecer o producto d
um beneficio ás familias dos soldados mortos na guerra.

Nem cora o livro de hombrear co'o sabre...
 Nem cora o sabre de chamal-o irmão...
 Quando em loureiros se biparte o gladio
 Do vasto pampa no funereo chão.

E foram grandes teus heróes, ó patria,
 —Mulher fecunda, que não crea escravos—,
 Que ao trom da guerra soluçaste aos filhos :
 Parti—soldados, mas voltae-me—bravos!
 E qual Moema desgrenhada, altiva,
 Eis tua prole, que se arroja então,
 De um mar de glorias apartando as vagas
 Do vasto pampa no funereo chão.

E cses Leandros do Hellesponto novo.
 Se resvallaram—foi no chão de historia...
 Se tropeçaram—foi na eternidade...
 Se naufragaram—foi no mar da gloria...
 E hoje o que resta dos heróes gigantes?...
 Aqui—os filhos que vos pedem pão...
 Alem—a ossada, que branquêa a lua,
 Do vasto pampa no funereo chão.

Ai! quantas vezes a creança loura
 Seu pae procura pequenina e núa,
 E vai, brincando co'o vetusto sabre,
 Sentar-se á espera no portal da rua...
 Misera mãe, sobre teu peito aquece
 Esta avesinha, que não tem mais pão!...
 Seu pae descansa—fulminado cedro—
 Do vasto pampa no funereo chão.

Mas, já que as aguias lá no sul tombaram
E os filhos d'aguias o Poder esquece...
É grande, é nobre, é gigautesco, é sancto!...
Lançai—a esmola, e colhercis—a prece!...
Oh! dai a esmola... que, do infante lindo
Por entre os dedos da pequena mão,
Ella transborda... e vai cahir nas tumbas
Do vasto pampa no funcreo chão.

Ha duas cousas n'este mundo sanctas :
—O rir do infante,—o descansar do morto...
O berço—é a barca, que encalhou na vida,
A cova—é a barca do sidereo porto...
E vós dissestes para o berço—Avante!—
Em quanto os nautas, que ao Eterno vão,
Os ossos deixam, qual na praia as ancoras,
Do vasto pampa no funereo chão.

É sancto o laço, em qu'hoje aquí s'estreitam
De heroicos troncos—os rebentos novos—!
É que são gemeos dos heróes os filhos
Inda que filhos de diversos povos!
Sim! me parece que n'est'hora augusta
Os mortos saltam da feral mansão...
E um bravo! altivo de alem-mar partindo
Rola do pampa no funereo chão!...

S. Salvador, 31 de Outubro de 1867.

O LAÇO DE FITA.

Não sabes, creança? 'Stou louco de amores...
Prendi meus affectos, formosa Pepita.
Mas onde? No templo, no espaço, nas nevoas?!
Não rias, prendi-me
N'um laço de fita.

Na selva sombria de tuas madeixas,
Nos negros cabellos da moça bonita,
F'ingindo a serpente qu'enlaça a folhagem,
Formoso enroscava-se
O laço de fita.

Meu ser, que voava nas luzes da festa,
Qual passaro bravo, que os ares agita,
Eu vi de repente captivo, submisso
Rolar prisioneiro

N'um laço de fita.

E agora enleada na tenue cadeia
Debalde minh'alma se embate, se irrita...
O braço, que rompe cadeias de ferro,
Não quebra teus élos,

O' laço de fita!

Meu Deus! As phalenas tem azas de opala
Os astros se libram na plaga infinita.
Os anjos repousam nas pennas brilhantes...
Mas tu... tens por azas

Um laço de fita.

A' pouco voavas na célere walsa
Na walsa que anceia, que está e palpita.
Porque é que tremeste? Não eram meus labios...
Beijava-te apenas...

Teu laço de fita.

Mas ai! findo o baile, despindo os adornos
N'alcova onde a vela ciosa... crepita,
Talvez da cadeia libertes as tranças
Mas eu... fico preso

No laço de fita.

Pois bem! Quando um dia na sombra do valle
Abrirem-me a cova..., formosa Pepita!
Ao menos arranca meus louros da fronte,
E dá-me por c'roa...

Teu laço de fita.

S. Paulo, Julho de 1868.

AHASVERUS E O GENIO.

AO POETA E AMIGO J. FELIZARDO JUNIOR.

Sabes quem foi Ahasverus?...—o *præito*,
O misero Judeu, que tinha escripto
Na fronte o sello atroz!
Eterno viajor de eterna senda...
Espantado á fugir de tenda em tenda
Fugindo em balde á *vingadora* voz!

Miserrimo! Correu o mundo inteiro,
E no mundo tão grande... o forasteiro
Não teve onde... pousar.

Co'a mão vazia—viu a terra cheia.
O deserto negou-lhe—o grão de areia,
A gotta d'agua—rejeitou-lhe o mar.

D'Asia as florestas—lhe negaram sombra
A savana sem fim—negou-lhe alfombra.
O chão negou-lhe o pó!...
Tabas, serralhos, tendas e solares...
Ninguem lhe abriu a porta de seus lares
E o triste seguiu só.

Viu povos de mil climas, viu mil raças,
E não pode entre tantas populaças
Beijar uma só mão...
Desde a virgem do norte á de Sevilhas
Desde a ingleza á crioula das Antilhas
Não teve um coração!...

E caminhou!... E as tribus se afastavam
E as mulheres tremendo murmuravam
Com respeito e pavor.
Ai! Fazia trêmer do valle á serra...
Elle que só pedia sobre a terra
—Silencio, paz e amor!—

No emtanto á noite, se o Hebreu passava,
Um murmurio de inveja se elevava,
Desde a flor da campina ao colibri,

« Elle não morre » a multidão dizia...

E o precito comsigo respondia:

—« Ai! mas nunca vivi! »—

O Genio é como Ahasverus... solitario

A marchar, a marchar no itinerario

Sem termo do existir.

Invejado! a invejar os invejosos.

Vendo a sombra dos alamos frondosos...

E sempre a caminhar... sempre a seguir...

Pede u'a mão de amigo—dão-lhe palmas:

Pede um beijo de amor—e as outras almas

Fogem pasmas de si.

E o misero de gloria em gloria corre...

Mas quando a terra diz:—« Elle não morre »

Responde o desgraçado: « Eu não vivi!... »

S. Paulo Outubro de 1868.

MOCIDADE E MORTE.

E perto avisto o porto
Immenso, nebuloso e sempre noite
Chamado—Eternidade.—

(Laurindo.)

Lasciate ogni speranza, voi eli'entrate.

(Dante)

Oh! eu quero viver, beber perfumes
Na flor silvestre, que embalsama os ares;
Ver minh'alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n'amplidão dos mares.
No seio da mulher ha tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo ha tanta vida...
—Arabe errante, vou dormir á tarde
A' sombra fresca da palmeira erguida.

Mas uma voz responde-me sombria:
Terás o somno sob a lagea fria.

Morrer... quando este mundo é um paraíso,
 E a alma um cysne de douradas plumas:
 Não! o seio da amante é um lago virgem...
 Quero boiar á tona das espumas.
 Vem! formosa mulher—camelia pallida,
 Que banharam de pranto as alvoradas.
 Minh'alma é a borbuleta, que espanheja
 O pó das azas lucidas, douradas...

E a mesma voz repete-me terrível,
 Com gargarhar sarcástico:—impossível!

Eu sinto em mim o borbulhar do genio.
 Vejo além um futuro radiante:
 Avante!—brada-me o talento n'alma
 E o echo ao longe me repete—avante!—
 O futuro... o futuro... no seu seio...
 Entre louros e bençãos dorme a gloria!
 Após—um nome do universo n'alma,
 Um nome escripto no Pantheon da historia

E a mesma voz repete funeraria:
 Teu Pántheon—a pedra mortuaria!

Morrer—é ver extineto dentre as nevoas
 O phanal, que nos guia na tormenta:
 Condemnado—escutar dobres de sino,
 —Voz da morte, que a morte lhe lamenta—
 Ai! morrer—é trocar astrqs por cirios,
 Leito macio por esquife immundo,
 Trocar os beijos da mulher—no visco
 Da larva errante no sepulchro fundo.

Ver tudo findo... só na lousa um nome,
 Que o viandante a perpassar consome.

E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito
 Um mal terrível me devora a vida:
 Triste Ahasverus, que no fim da estrada,
 Só tem por braços uma cruz erguida.
 Sou o cypreste, qu'inda mesmo flórido,
 Sombra de morte no ramal encerra!
 Vivo—que vaga sobre o chão da morte,
 Morto—entre os vivos á vagar na terra.

Do sepulchro escutando triste grito
 Sempre, sempre bradando-me: maldicto!—

E eu morro, ó Deus! na aurora da existencia,
 Quando a sêde e o desejo em nós palpita...
 Levei aos labios o dourado pomo,
 Mordi no fructo pôdre do Asphaltita.
 No triclinio da vida—novo Tântalo—
 O vinho do viver ante mim passa...
 Sou dos convivas da legenda Hebraica,
 O stylete de Deus quebra-me a taça.

É que até minha sombra é inexoravel,
 Morrer! morrer! soluça-me implacavel.

Adeus, pallida amante dos meus sonhos!
 Adeus, vida! Adeus, gloria! amor! anhelos!
 Escuta, minha irmã, cuidosa enxuga
 Os prantos de meu pae nos teus cabellos.
 Fôra louco esperar! fria rajada
 Siuto que do viver me extingue a lampa...
 Resta-me agora por futuro—a terra,
 Por gloria—nada, por amor—a campa.

Adeus!... arrasta-me uma voz sombria
 Já me foge a razão na noite fria!...

AO DOUS DE JULHO.

(RECITADA NO THEATRO DE S. JOÃO.)

É a hora das epopéas,
Das Iliadas reaes.
Ruge o vento—do passado
Pelos mares sepulchraes.
É a hora, em que a Eternidade
Dialoga a Immortalidade...
Falla o heroe com Jehovah!...
E Deus—nas celestes plagas—
Colhe da gloria nas vagas
Os mortos de Pirajá.

Ha destes dias augustos
 Na tumba dos Briareus.
 Como que Deus baixa á terra
 Sem mesmo descer dos céus.
 É que essas lousas rasteiras
 São—gigantes cordilheiras
 Do Senhor aos olhos nús.
 É que essas brancas ossadas
 São—columnas arrojadas
 Dos infinitos azues.

Sim! Quando o tempo entre os dedos
 Quebra um sec'lo, uma nação...
 Encontra nomes tão grandes
 Que não lhe cabem na mão!...
 Heroes! Como o cedro augusto
 Campêa rijo e vetusto
 Dos sec'los ao perpassar,
 Vós sois os cedros da historia,
 A' cuja sombra de gloria
 Vai-se o Brasil abrigar.

E nós, que somos faiscas
 Da luz d'esses arrebóes,
 Nós, que somos horbuletas
 —Das chrysalidas de avós,
 Nós, que entre as bagas dos cantos,
 Por entre as gottas dos prantos
 Inda os sabemos chorar,
 Podemos dizer: - Das campas
 Sacudi as frias tampas!
 Vinde a Patria abençoar!...

Èrguei-vos, sanctos phantasmas!
Vós não tendes que corar...
(Porque eu sei que o filho torpe
Faz o morto soluçar...)
Gemem as sombras dos Gracchos;
Dos Catões, dos Spartacos
Vendo seus filhos tão vis...
Dize-o tu, suberbo Mario!
Tu, que enlutas o sudario
Vendo Roma—meretriz!...

Ai! Que lagrimas candentes
Choram orbitas sem luz!—
Que idéa terá Leonidas
Vendo Sparta nos paúes?!...
Alta noite, quando pena
Sobre Arcole, sobre Iena,
Bonaparte—o rei dos reis—,
Que dor d'alma lhe rebenta,
Ao ver su'aguia sangrenta
No sabre de Juarez!?!...

Porém aqui não ha grito,
Nem pranto, nem ai, nem dor...
O presente não desmente
Do seu ninho de condor...
Mãos, que, out'ora de creanças
A' rir—dentaram as lanças
Dos velhos de Pirajá...,
De homens hoje, as empunhando;
Nas batalhas afiando,
Vão caminho de Humaitá!...

Basta!... Curvai-vos, ó povo!...
Eil-os os vultos sem par.
Só de joelhos podemos
N'est'hora augusta fitar
Riachuelo e Cabrito,
Que sobem para o infinito
Como jungidos leões,
Puchando os carros dourados
Dos meteóros largados
Sobre a noite das nações.

Bahia—1867.

OS TRES AMORES.

I.

Minh'alma é como a fronte sonhadora
Do louco bardo, que Ferrara chora...
Sou Tasso!... a primavera de teus risos
De minha vida as solidões enflora...
Longe de ti eu bebo os teus perfumes,
Sigo na terra de teu passo os lumes...
—Tu és Eleonora...

II.

Meu coração desmaia pensativo,
Scismando em tua rosa predilecta.
Sou teu pallido amante vaporoso,
Sou teu Romeu... teu languido poeta!...
Sonho-te ás vezes virgem... seminua...
Roubo-te um casto beijo á luz da lua...
—E tu és Julieta...

III.

Na volupia das noites andaluzas
O sangue ardente em minhas veias rola...
Sou D. Juan!... Donzellas amorosas,
Vós conheceis-me os threnos na viola!
Sobre o leito do amor teu seio brilha...
Eu morro, se desfaço-te a mantilha...
Tu és—Julia a Hespanhola!...

Recife, Setembro de 1866.

O PHANTASMA E A CANÇÃO.

Orgulho! desce os olhos dos céus sobre ti
mesmo; e vê como os nomes mais poderosos
vão se refugiar n'uma canção.

(Byron.)

—Quem bate?—: A noite é sombria!
—Quem bate?—: É rijo o tufão!...
Não ouvis? a ventania
Ladra á lua como um cão.
—Quem bate?—: O nome qu'importa?
Chamo-me dor... abre a porta!
Chamo-me frio... abre o lar!
Dá-me pão... chamo-me fome!
Necessidade é o meu nome!
—Mendigo! podes passar!

Mulher, se eu fallar, promettes
 A porta abrir-me? —Talvez.
 —« Olha... Nas cans d'este velho
 Verás fanados laureis.
 Ha no meu craneo enrugado
 O fundo sulco traçado
 Pel-a c'roça imperial.
 Foragido, errante espectro,
 Meu cajado—já foi sceptro!
 Meus trapos—manto real!

—Senhor, minha casa é pobre...
 Ide bater a um solar!
 —« De lá venho... O Rei-phantasma
 Baniram do proprio lar.
 Nas largas escadarias,
 Nas vetustas galerias,
 Os pagens e as cortezans
 Cantavam!... Reinava a orgia!...
 Festa! Festa! E ninguem via
 O Rei coberto de cans!

—Phantasma! Aos grandes, que tombam,
 É palacio o mausoleu!
 —« Silencio! De longe eu venho...
 Tambem meu tumulo morreu.
 O sec'lo—traça que medra
 Nos livros feitos de pedra—
 Róe o marmore, cruel.
 O tempo—Attila terrivel
 Quebra co'a pata invisível
 Sarcophago e capitel.

Desgraça então para o espectro,
 Quer seja Homero ou Solon,
 Se, medindo a treva immensa
 Vai bater ao Pantheon...
 O motim—Nero profano—
 No ventre da cova insano
 Mergulha os dedos crueis.
 Da guerra nos paroxismos
 Se abysmam mesmo os abysmos
 E o morto morre outra vez!

Então, nas sombras infundás,
 S'esbarram em confusão
 Os phantasmas sem abrigo
 Nem no espaço, nem no chão...
 As almas angustiadas,
 Como aguias desaninhadas,
 Gemendo voam no ar.
 E enchem de vagos lamentos
 As vagas negras dos ventos,
 Os ventos do negro mar!

Bati a todas as portas
 Nem uma só me acolheu!...
 —Entra!—: Uma voz argentina
 Dentro do lar respondeu.
 —« Entra, pois! Sombra exilada,
 Entra! O verso—é uma pousada
 Aos reis que perdidos vão.
 A estrophe—é a purpura extrema,
 Ultimo throno—é o pocma!
 Ultimo asylo—a *Canção!*...

O GONDOLEIRO DO AMOR.

BARCAROLA.

—DAMA-NEGRA.—

Teus olhos são negros, negros,
Como as noites sem luar...
São ardentes, são profundos,
Como o negrume do mar;

Sobre o barco dos amores,
Da vida boiando á flor,
Douram teus olhos a fronte
Do Gondoleiro do amor.

Tua voz é a cavatina
Dos palacios de Sorrento,
Quando a praia beija a vaga,
Quando a vaga beija o vento;

E como em noites de Italia,
 Ama um canto o pescador,
 Bebe a harmonia em teus cantos
 O Gondoleiro do amor.

Teu sorriso é uma aurora,
 Que o horizonte enrubesceu,
 —Rosa aberta com o biquinho
 Das aves rubras do céu;

Nas tempestades da vida
 Das rajadas no furor,
 Foi-se a noite, tem auroras
 O Gondoleiro do amor.

Teu seio é vaga dourada
 Ao túbio clarão da lua,
 Que, ao murmúrio das volúpias,
 Arqueja, palpita nua;

Como é doce, em pensamento,
 Do teu collo no languor
 Vogar, naufragar, perder-se
 O Gondoleiro do amor!?

Teu amor na treva é—um astro,
 No silencio uma canção,
 É briza—nas calmarias,
 É abrigo—no tufão;

Por isso eu te amo, querida,
 Quer no prazer, quer na dor, . . .
 Rosa! Canto! Sombra! Estrella!
 Do Gondoleiro do amor.

Recife, Janeiro de 1867.

SUB TEGMINE FAGI.

A' MELLO MORAES.

Dieu parle dans le calme plus haut que dans la tempête.¹

(Mickiewicz.)

Deus nobis hæc otia fecit.

(Virgilio.)



oigo! O campo é o ninho do poeta...

us falla, quando a turba está quieta,

A's campinas em flor.

Noivo—Elle espera que os convivas sáiam...

n'alcova onde as lampadas desmaiam

Então murmura—amor—

Vem comigo seismar risonho e grave...
 A poesia—é uma luz... e alma—uma ave...
 Querem—trevas e ar.
 A andorinha, que é a alma—pede o campo.
 A poesia quer sombra—é o pyrilampo...
 P'ra voar... p'ra brilhar.

Meu Deus! Quanta belleza nessas trilhas...
 Que perfume nas doces maravilhas,
 Onde o vento gemeu!...
 Que flores d'ouro pelas veigas bellas!
Foi um anjo co'a mão cheia de estrellas,
 Que na terra as perdeu.

Aqui o ether puro se adelgaça...
 Não sóbe esta blasphemia de fumaça
 Das cidades p'ra o ceu.
 E a Terra é como o insecto friorento
 Dentro da flor azul do firmamento,
 Cujo calix pendeu!...

Qual no fluxo e refluxo, o mar em vagas
 Leva a concha dourada... e traz das plagas,
 Coraes em turbilhão,
 A mente leva a prece a Deus—por perolas.
 E traz, volvendo após das praias cerulas,
 —Um brilhante—o perdão!

A alma fica melhor no descampado...
 O pensamento indomito, arrojado
 Galopa no sertão,

Qual nos esteppes o corseel. fogoso
 Relincha e parte turbulento, estoso,
 Sôlta a crina ao tufão.

Vem! Nós iremos na floresta densa,
 Onde na arcada gothica e suspensa
 Reza o vento feral.
 Enorme sombra cae da enorme rama...
 É o *Pagode* phantastico de Brahma
 Ou velha cathedral,

Irei contigo pelos ermos—lento—
 Scismando, ao por do sol, n'um pensamento
 Do nosso velho Hugo.
 —Mestre do mundo! Sol da eternidade!...
 Para ter por planeta a humanidade,
 Deus n'um *cerro* o *fixou*.

Ao longe, na quebrada da collina,
 Enlaça a trepadeira purpurina
 O negro mangueiral...
 Como no *Dante* a pallida *Francesca*,
 Mostra o sorriso rubro e a face fresca
 Na estrophe sepulchral.

O povo das formosas amaryllis
 Embala-se nas balsas, como as Willis
 Que o *Norte* imaginou.
 O antro—falla... o ninho s'estremece...
 A dryade entre as folhas apparece...
 Pau na flauta soprou!..

Mundo estranho e bizarro da chimera,
A phantasia desvairada gera

Um paganismo aqui.

Melhor eu comprehendo então Virgilio...

E vendo os Faunos lhe dançar no idyllo,

Murmuro crente:—eu vi!—

Quando penetro na floresta triste,
Qual pela ogiva gothica o aethiste,]

Que procura o Senhor,

Como bebem as aves peregrinas

Nas amphoras de orvalho das boninas,

Eu bebo crença e amor!...

E á tarde, quando o sol—condor sangrento—
No occidente se aninha somnolento,

Como a abelha na flor...

E a luz da estrella tremula se irmana

Co'a fogueira nocturna da cabana,

Que acendera o pastor,

A lua—traz um raio para os mares...

A abelha—traz o mel... um threno aos lares

Traz a rola á carpir...

Tambem deixa o poeta a selva escura

E traz alguma estrophe, que fulgura,

P'ra legar ao porvir!...

Vem! Do mundo leremos o problema

Nas folhas da floresta, ou do poema,

Nas trevas ou na luz...

Não vês?... Do eéu a cupola azulada,

Como uma taça sobre nós voltada,

Lança a poesia á flux!...

Boa-Vista—1867.

AS TRES IRMÃS DO POETA.

(TRADUZIDO DE E. BERTHOUD.)

É noite! as sombras correm nebulosas.
Vão tres pallidas virgens silenciosas
Atravez da procella irrequieta.
Vão tres pallidas virgens... vão sombrias
Rindo collar n'um beijo as bocas frias...

Na fronte scismadora do—Poeta—

« Saúde, irmão! Eu sou a *Indifferença*.
Sou eu quem te sepulta a ideia immensa,
Quem no teu nome a escuridão projecta...
Fui eu que te vesti do meu sudario...
Que vaes fazer tão triste e solitario?...

— Eu luctarei! — responde-lhe o Poeta.

Saúde, meu irmão! Eu sou a *Fome*.
Sou eu quem o teu negro pão consome...
O teu misero pão, misero athleta!
Hoje, amanhã, depois... depois (qu'importa?)
Virei sempre sentar-me á tua porta... »

—« Eu soffrerei! »—responde-lhe o Poeta.

« Saúde, meu irmão! Eu sou a *Morte*.
Suspende em meio o hymno augusto e forte.
Marquei-te a fronte, misero propheta!
Volve ao nada! Não sentes n'este enleio,
Teu cantico gelar-se no meu seio?! »

—« Eu cantarei no céu »—diz-lhe o Poeta!

S. Paulo, 25 de Agosto de 1868.

O VÔO DO GENIO.

A' ACTRIZ EUGENIA CAMARA.

Um dia, em que na terra á sós vagava
Pela estrada sombria da existencia,
Sem rosas—nos vergeis da adolescencia,
Sem luz d'estrella—pelo céu do amor;
Senti as azas de um archanjo errante
Roçar-me brandamente pela fronte,
Como o cysne, que adeja sobre a fonte,
A's vezes toca a solitaria flôr.

E disse então : «Quem és, pallido archanjo!
Tu, que o poeta vens erguer do pego?

Eras acaso tu, que Milton cego
 Ouvia em sua noite erma de sol?
 Quem és tú? Quem és tu? — « Eu sou o genio »
 Disse-me o anjo « vem seguir-me o passo,
 Quero contigo me arrojar no espaço,
 Onde tenho por e'roas o arrebol. »

« Onde me levas, pois?... » — « Longe te levo
 Ao paiz do ideal, terra das flores,
 Onde a brisa do céu tem mais amores
 E a phantasia—lagos mais azues... »
 E fui... e fui... ergui-me no infinito,
 Lá onde o vôo d'aguia não se eleva...
 Abaixo—via a terra—abysmo em treval
 Acima—o firmamento—abysmo em luz!

« Archanjo! archanjo! que ridente sonho! »
 — « Não, poeta, é o vedado paraizo.
 Onde os lyrios mimosos de sorriso
 Eu abro em todo o seio, que chorou,
 Onde a loura comedia canta alegre,
 Onde eu tenho o condão de um genio infindo,
 Que a sombra de Molière vem sorrindo
 Beijar na fronte, que o Senhor beijou... »

Onde me levas mais, anjo divino?
 — « Vem ouvir, sobre as harpas inspiradas,
 O canto das esphas namoradas,
 Quando eu encho de amor o azul dos céus!
 Quero levar-te das paixões nos mares.
 Quero levar-te á dedalos profundos,
 Onde refervem sóes... e céus... e mundos...
 Mais sóes... mais mundos, c onde tudo é meu... »

Mulher! mulher! Aqui tudo é volúpia:
 A brisa morna, a sombra do arvoredo,
 A lymphe clara, que murmura á medo,
 A luz que abraça a flor e o céu ao mar.
O' princeza, a razão já se me perde,
 És a sereia da encantada Scylla,
 Anjo, que transformaste-te em Dalila,
 Sansão de novo te quizera amar!

Porém não páras n'este vôo errante!
 A que outros mundos elevar-mo tentas?
 Já não sinto o soprar de auras sedentas,
 Nem bebo a taça de um fogoso amor.
 Sinto que rólo em barathros profundos...
 Já não tens azas, aguia da Thessalia,
 Maldição sobre ti... tu és Omphalia,
 Ninguem te ergue das trevas e do horror.

Porém silencio! No maldicto abysmo,
 Onde cahí contigo criminosa,
 Canta uma voz, sentida e maviosa,
 Que arrependida sobe á Jehovah!
 Perdão! Perdão! Senhor, p'ra quem soluça,
 Talvez seja algum anjo peregrino...
 ...Mas não! inda eras tu, genio divino,
 Tambem sabes chorar, como Eloah!

Não mais, ó seraphim! suspende as azas!
 Que, através das estrellas arrastado,
 Meu ser arqueja louco, deslumbrado,
 Sobre as constellações e os céus azues.
 Archanjo! Archanjo! basta... Já contigo
 Mergulhei das paixões nas vagas cerulas...
 Mas nos meus dedos—já não cabem—perolas—
 Mas na minh'alma—já não cabe—luz!...

Recife, Maio de 1866.

O « ADEUS » DE THEREZA.

À vez primeira que eu fitei Thereza,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A walsa nos levou nos giros seus...
E amámos juntos... E depois na sala
Adeus, eu disse-lhe a tremér co'a falla...

E ella, córando, murmurou-me: adeus. »

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova sahia um cavalleiro
Inda beijando uma mulher sem véos...
Era eu... Era a pallida Thereza!
Adeus lhe disse conservando-a preza...

E ella entre beijos murmurou-me: adeus: »

Passaram tempos... sec'los de delirio
Prazeres divinaes... gozos do Emyrio...
... Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse—« Voltarei!... descança!... »
Ella, chorando mais que uma creança,

Ella em soluços murmurou-me: « adeus: »

Quando voltei... era o palacio em festa!...
E a voz d'*Ella* e de um homem lá na orchestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei!... Ella me olhou branca... surprazol
Foi a ultima vez que eu vi Thereza!...

E ella arquejando murmurou-me: « adeus! »

S. Paulo 28 de Agosto de 1868.

A VOLTA DA PRIMAVERA.

Aime, et tu renaistras; fais-toi fleur pour éclore,
Après avoir souffert, il faut souffrir encore,
Il faut aimer sans cesse, après avoir aimé.

(*A. de Musset.*)

Ài não maldigas minha fronte pallida,
E o peito gasto ao reserver de amores.
Vegetam louros—na caveira esqualida
E a sepultura se reveste em flores.

Bem sei que um dia o vendaval da sorte
Do mar lançou-me na gelada areia.
Serei... que importa? o D. Juan da morte
Dá-me o teu seio—e tu serás Haydeia!

Pousa esta mão—nos meus cabellos húmidos!...
Ensina à briza ondulações suaves!
Dá-me um abrigo nos teus seios tumidos!
Falla!... que eu ouço o pipilar das aves!

Já viste ás vezes, quando o sol de Maio
Innunda o valle, o matagal e a veiga?
Murmura a relva: Que suave raio.
Responde o ramo: « Como a luz é meiga! »

E, ao doce influxo do clarão do dia,
O junco exausto, que cedera á enchente,
Levanta a fronte da lagoa fria...
Mergulha a fronte na lagoa ardente...

Se a natureza apaixonada acorda
Ao quente afago do celestê amante,
Diz!... Quando em fogo o teu olhar transborda,
Não vês minh'alma reviver ovante?

É que teu riso me penetra n'alma—
Como a harmonia de uma orchestra sancta—
É que teu riso tanta dôr acalma...
Tanta descrença!... Tanta angustia!... Tanta!

Que eu digo ao ver tua celeste fronte:
O céo consola toda dôr que existe.
Deus fez a neve—para o negro monte!
Deus fez a virgem—para o bardo triste! »

Rio de Janeiro, Junho de 1869.

A' MACIEL PINHEIRO.

Dieu soit en aide au pieux pèlerin.

(*Bouchard.*)

Partes, amigo, do teu antro de aguias,
Onde gerava um pensamento enorme,
Tingindo as azas no levante rubro,
Quando nos valles inda a sombra dorme...
Na fronte vasta, como um céu de idéas,
Aonde os astros surgem mais e mais...
Quizeste a luz das boreaes auroras...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Verás a terra da infeliz Moema,
Bem como a Venus se elevar das vagas;
Das serenatas ao luar dormida,
Que o mar murmura nas douradas plagas.
Terra de glorias, de canções e brios,
Sparta, Athenas, que não tem rivaes...
Que, á voz da patria, deixa a lyra e ruge...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

E quando o barco atravessar os mares,
Quaes pandas azas, desfraldando a véla,
Ha de surgir-t'esse *gigante immenso*,
Que sobre os morros campeando vela...
Symb'lo de pedra, que o cinzel dos raios
Talhou nos montes, que se alteiam mais...
Atlas com a forma do gigante povo...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Váe nas planicies dos infindos pampas
Erguer a tenda do soldado vate...
Livre... bem livre a Marselhesa aos echos
Soltar bramindo no feroz combate...
E após do fumo das batalhas tincto
Canta essa terra, canta os seus *geraes*,
Onde os gaúchos sobre as egoas vôam...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

E n'esse lago de poesia virgem,
Quando boiares nas subtis espumas,
Sacode estrophes, qual do rio a garça
Perolas sóta das brilhantes plumas.

Pallido moço—como o bardo errante—
Teu bareo vòa na amplidão fugaz.
A nova Grecia quer um Byron novo...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

E eu, cujo peito como u'a harpa homérica
Ruge estridente do que é grande ao sópro,
Saúdo o artista, que ao talhar a gloria,
Pega da espada, sem deixar o escopro.
Da caravana guarda a areia a pegada :
No chão da historia o passo teu verás...
Deus, que o Maseppa nos steppes guia...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Recife, 1865.

A' UMA TAÇA FEITA DE UM CRANEO HUMANO.

TRAD. DE BYRON.

Não recues! De mim não foi-se o espirito...
Em mim verás—pobre caveira fria—
Unico craneo, que ao emvez dos vivos,
Só derrama alegria.

Vivi! amei! bebi qual tu: Na morte
Arrancaram da terra os ossos meus.
Não me insultes! empina-me!... que a *larva*
Tem beijos mais sombrios do que os teus.

Mais val guardar o sumo da parreira
Do que ao verme do chão ser pasto vil;
—Taça—levar dos Deuses a bebida,
Que o pasto do reptil.

Que este vaso, onde o espirito brilhava,
Vá nos outros o espirito acender.
Ai! Quando um eraneo já não tem mais cerebro
... Podeis de vinho o encher!

Bebe, enquanto inda é tempo! Uma outra raça,
Quando tu e os teus fordes nos fóssos,
Póde do abraço te livrar da terra,
E ebria folgando profanar teus ossos.

E porque não? Se no correr da vida
Tanto mal, tanta dôr ahí repousa?
É bom fugindo á podridão do lodo
Servir na morte emfim p'ra alguma eousa!...

Bahia 15 de Dezembro 1869.

PEDRO IVO.

Sonhava nesta geração bastarda
Glorias e liberdade!...

Era um leão sangrento, que rugia,
Da gloria nós clarins se embriagava,
E vossa gente pallida recuava,
Quando elle apparecia.

(Alvares de Azevedo.)

I.

Rebramão os ventos... Da negra tormenta
Nos montes de nuvens galopa o corsel...
Relincha—troveja... galgando no espaço
Mil raios desperta co'as patas revél.

E noite de horrores... nas grunas celestes,
Nas naves ethereas o vento gemeu...
E os astros fugirão, qual bando de garças
Das aguas revoltas do lago do céu.

E a terra é medonha... As arvores nuas
Espectros semelhanteo fincados de pé,
Com os braços de mumias, que os ventos retorcem,
Tremendo a esse grito, que estranho lhes é.

Desperta o infinito... Co'a bocca entreaberta
Respira a borrasca do largo pulmão.
Ao longe o oceano sacode as espaduas
—Encélado novo calcado no chão.

É noite de horrores... Por invio caminho
Um vulto sombrio sósinho passou,
Co'a noite no peito, co'a noite no busto
Subiu pelo monte,—nas cimas parou.

Cabellos esparsos ao sopro dos ventos,
Olhar desvairado, sinistro, fatal,
Dirieis estatua roçando nas nuvens,
P'ra qual a montanha se fez pedestal.

Rugia a procella—nem elle escutava!...
Mil raios chovião—nem elle os fitou!
Com a dextra apontando bem longe a cidade,
Após largo tempo sombrio fallou!...

.....

II.

Dorme, cidade maldicta,
Teu somno de escravidão!...
Dorme, vestal da pureza,
Sobre os cochins do *Sultão!*...
Dorme, filha da Georgia,
Prostituta em negra orgia
Sê hoje Lucrecia Borgia
Da deshonra no haleão!...

Dormir?!... Não! Que a infame grita
Lá se alevanta fatal...
Corre o champagne e a deshonra
Na orgia descommunal...
Na fronte já tens um laço...
Cadeias de ouro no braço,
De perolas um barço,
—Adornos da saturnal!

Louca!... Nem sabe que as luzes,
Que accênde p'ra as saturnaes,
São do enterro de seus brios
Tristes cirios funeraes...
Que o seu grito de alegria
É o estertor da agonia,
A' que responde a ironia
Do riso de Satanaz!...

Morreste... E ao teu sahimento
Dobra a procella no céu.

E os astros—olhar dos mortos—
A mão da noite escondeu.
Vé!... Do raio mostra a lampa
Mão de espectro, que destampa
Com dedos de ossos a campa,
Onde a glória adormeceu.

E erguem-se as lapidas frias,
Saltão bradando os heróis:
Quem ousa da eternidade
Roubar-nos o somno á nós?
Responde o espectro: A desgraça!
Que a realeza, que passa,
Com o sangue de vossa raça,
Cospe lodo sobre vós!...

Fugi, phantasmas augustos!
Caveiras que corão mais,
Do que essas faces vermelhas
Dos infames pariás!...
Fugi do solo maldicto...
Embuçai-vos no infinito!...
E eu por detraz do granito
Dos montes occidentaes...

Eu tambem fujo... Eu fugindo!!...
Mentira d'esses vilões!
Não foge nuvem trevosa
Quando em azas de tufões,
Sobe dos céus á esplanada,
Para tomar emprestada
De raios uma outra espada,
A' luz das constellações!...

Como o tigre na caverna
 Afia as garras no chão,
 Como em Elba amola a espada
 Nas pedras—Napoleão,
 Tal eu—vaga encapellada,
 Recuo de uma passada,
 P'ra levar de derribada
 Rochedos, reis, multidões...!

III.

« Pernambuco! Um dia eu vi-te
 Dormido immenso ao luar,
 Com os olhos quasi cerrados,
 Com os labios—quasi á fallar....
 Do braço o clarim suspenso,
 —O punho no sabre extenso
 De pedra—*recife* immenso,
 Que rasga o peito do mar....

E eu disse : Silencio, ventos!
 Cala a boca, furacão!
 No sonho d'aquelle somno
 Perpassa a Revolução!
 Este olhar que não se move
 Stá fito em—Oitenta e Nove—
 Lê Homero—escuta Jove...
 —Robespierre—Dantão.

N'aquelle craneo entra em ondas
 O verbo de Mirabeau...

Pernambuco sonha a escada;
 Que também sonhou Jacob;
 Scisma a Republica alçada,
 E pega os copos da espada,
 Em quanto em su'alma brada :
 « Somos irmãos, Vergniaud. »

Então repeti ao povo :
 —Desperta do somno teu!
 Sansão—derroea as columnas!
 Quebra os ferros—Prometheu!
 Vesuvio curvo—não pares,
 Ignea coma sólta aos ares,
 Em lavas innunda os mares,
 Mergulha o gladio no céu.

Republica!... Vão ousado
 Do homem feito condor!
 Raio de aurora inda ooculta,
 Que beija a frente ao Thabor!
 Deus! Porqu' em quanto que o monte
 Bebe a luz desse horisonte,
 Deixas vagar tanta frente,
 No valle envolto em negror?!...

Inda me lembro... Era, ha pouco,
 A lucta!... Horror!... Confusão!...
 A morte vóa rugindo
 Da garganta do canhão!...
 O bravo a fileira cerra!...
 Em sangue ensopa-se a terra!...
 E o fumo—o corvo da guerra—
 Com as azas cobre a amplidão!...

Cheguei!... Como nuvens tontas,
 Ao bater no monte—além,
 Topam, rasgam-se, recuam,...
 Taes á meus pés vi tambem
 Hostes mil na lucta ingloria...
 ... Da pyramide da gloria
 São degraus... Marcha a victoria,
 Porque este braço a sustem.

Foi uma lucta de bravos,
 Como a lucta do jaguar:
 De sangue enrubesce a terra,
 —De fogo enrubesce o ar!...
 ... Oh!... mas quem faz que eu não vença?
 —O acaso...—avalanche immensa,
 Da mão do Eterno suspensa,
 Que a idéa esnaga ao tombar!...

Não importa! A liberdade
 É como a hydra, o Antheu.
 Se no chão rola sem forças,
 Mais forte to chão se ergueu...
 São os seus ossos sangrentos
 Gladios terríveis, sedentos...
 E da cinza solta aos ventos
 Mais um Graccho appareceu!...

.....
 Dorme, cidade maldicta!
 Teu somno de escravidão!
 Porém no vasto sacrario
 Do templo do coração,

Atêa o lume das lampas,¹
 Talvez que um dia dos pampas
 Eu surgindo quebre as campas,
 Onde te colam no chão,

Adeus! Vou por ti maldicto
 Vagar nos ermos paúes.
 Tu ficas morta, na sombra,
 Sem vida, sem fé, sem luz!...
 Mas quando o povo accordado
 Te erguer do treço vallado,
 Virá livre, grande, ousado,
 De pranto banhar-me a cruz!...

IV,

Assim fallara o vulto errante e negro,
 Como a estatua sombria do revés.
 Uiva o tufão nas dobras de seu manto,
 Como um cão do senhor ulula aos pés...

Inda um momento esteve solitario
 Da tempestade semelhante ao deus,
 Trocando phrases com os trovões no espaço
 Raios com os astros nos sombrios céus...

Depois sumiu-se dentre as brumas densas
 Da negra noite—de su'alma irmã...
 E longe... longe... no horizonte immenso
 Resomnava a cidade cortesã!...

Vai!... Do sertão esperam-te as Termopylas
A liberdade inda pullula alli...

Lá não vão vermes perseguir as aguias,
Não vão escravos perseguir a ti!

Vai!... Que o teu manto de mil balas roto
É uma bandeira, que não tem rival.

—D'esse suor é que Deus faz os astros...
Tens uma espada, que não foi punhal.

Vai, tu que vestes do bandido as roupas,

Mas não te cobres de uma vil libré

Se te renega teu paiz ingrato

O mundo, a gloria tua patria é!...

.....

V.

E foi-se... E inda hoje nas horas errantés,
Que os cedros farfalhão, que ruge o tufão,
E os labios da noite murmurão nas selvas
E a onça vagueia no vasto sertão.

Se passa o tropeiro nas ermas devézas,
Caminha medroso, figura-lhe ouvir
O infrene galope d'*Espectro soberbo*,
Com um grito de gloria na bocca á rugir.

Que importa se o tum'lo ninguém lhe conhece?
Nem tem epitaphio, nem leito, nem cruz?...
Seu tumulo é o peito do vasto universo,
Do espaço—por cupola—as conchas azúes!...

... Mas contão que um dia rolára o oceano
Seu corpo na praia, que a vida lhe deu...
Em quanto que a gloria rolava sua alma
Nas margens da historia, na areia do céu!...

Recife, Maio de 1863.

OITAVAS A NAPOLEÃO.

(TRADUCÇÃO DO HESPAÑHOL DE LOZANO.)



Agua das solidões!... Ninho atrevido
Foram-te as horrascosas tempestades,
Flammigero cometa suspendido
Sobre o céu infinito das edades.
Tu que, no lago intermino do olvido,
Lançaste tuas regias claridades...
Deus caído do throno dos mais deuses...
Quem recebeu teus ultimos adeuses?...

Não foram as Pyramides, que ouviram
De teus passos o som e se inclinaram...

Nem as aguas do Nilo, que te viram,
E co'as ondas teu nome murmuraram...
Não foram as cidades, que brandiram
As torres como facho... e te aclararam...
Quem foi? Silencio!... tremulo de medo
Vejo apenas—um mar... vejo—um rochedo...

A terra, o mar, os céus... espaço estreito
Eram p'ra tua planta de gigante.
Para tecto dos paços teus foi feito
O firmamento colossal, fluctuante
Como diadema—os sóes... E como leito
O antarctico pólo de diamante...
Teu feretro qual foi?... Titão do Sena,
O penhasco fatal de Sancta-Helena...

Assassina do Encelado da guerra
Só tu foste, Albion... do mar senhora...
Porque? Porque um pedaço ahi de terra
Foi pedir-te o gigante em negra hora...
E lhe deste um penhasco... Oh! Lá s'encerra
Tua lenda mais horrída... Traidora!
Lá seu spectro envolto na mortalha
Aos quatro céus a maldição espalha...

Ao leão, que temias, enjaulaste;
E de longe escutando seu rugido,
Tu, senhora do mar... tu desmaiaste!
Pelo punhal traidor elle ferido
Caiu-te aos pés... Então tu respiraste,
Cobarde vencedora do vencido...
Nem mesmo todo o occano poderia
Lavar este padrão de covardia...

Tu não és tão culpada!... Aonde estava
A França tão potente e tão temida?...
Oh! porque o não salvou?... se o contemplava
Lá dos gelos dos Alpes—soerguida!?...
E elle que a fez tão grande?... Ella folgava!...
Em quanto ao longe do colosso a vida
Como um vulcão antigo e moribundo
Lento expirava nesse mar profundo,

S. Paulo,

BOA-NOITE.

Veux-tu donc partir? Le jour est encore éloigné,
C'était le rossignol et non pas l'alouette,
Dont le chant a frappé ton oreille inquiète;
Il chante la nuit sur les branches de ce grenadier,
Crois-moi, cher ami, c'était le rossignol.

(Shakespeare.)

Boa-noite, Maria! Eu vou-me embora.
A lua nas janellas bate em c̃heio.
Boa-noite, Maria! É tarde... é tarde...
Nãõ me apertes assim contra teu seio.

Boa-noite!... E tu dizes—Boa-noite.
Mas nãõ m'o digas assim por entre beijos...
Mas nãõ m'o digas descobrindo o peito,
—Mar de amor ondo vagam meus desejos.

Julieta do céu! Ouve... a *calhandra*
 Já rumoreja o canto da matina.
 Tu dizes que eu menti?... pois foi mentira...
 ... Quem cantou foi teu halito, divina!

Se a estrella d'alva os derradeiros raios
 Derrama *nos jardins do Capuleto*,
 Eu direi, me esquecendo d'alvorada:
 « É noite ainda em teu cabelo preto... »

É noite ainda! Brilha na *escuridão*
 —Desmanchado o roupão, a espadua nua—
 O globo de teu peito entre os arminhos
 Como entre as nevoas se *balouça a lua...*

É noite, pois! Durmámos, Julieta!
 Rescende a alcova ao *trescallar das flores*.
 Fechemos sobre nós estas cortinas...
 —São as azas do archanjo dos amores,

A frouxa luz da alabastrina lampada
 Lambe voluptuosa os teus contornos...
 Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos
 Ao doudo afago de meus lábios mornos.

Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos
 Treme tua alma, como a lyra ao vento,
 Das teclas de teu seio que harmonias,
 Que escalas de suspiros, hebo attento!

Ai! Canta a cavatina do delirio
Ri, suspira, soluça, aneia e chora...
Marion! Marion!... É noite ainda.
Que importa os raios de uma nova aurora?!...♦

Como um negro e sombrio firmamento,
Sobre mim desenrola teu cabelo...♦
E deixa-me dormir balbuciando :
—Boa-noite!—, formosa Consuelo!...♦

S. Paulo, 27 de Agosto de 1868.

ADORMECIDA.

Ses longs cheveux épars la couvrent toute entière
La croix de son collier repose dans sa main,
Comme pour témoigner qu'elle a fait sa prière,
Et qu'elle va la faire en s'éveillant demain,

(A. de Musset.)

Uma noite, eu me lembro... Ella dormía
N'uma rêde encostada mollemente...
Quasi aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço do tapete rente.

Stava aberta a janella. Um cheiro agreste
Exalavam as silvas da campina...
E ao longe, n'um pedaço do horisonte,
Via-se a noite placida e divina.

De um jasmíneiro os galhos encurvados,
Indiscretos entravam pela sala,
E de leve oscillando ao tom das auras,
Jam na face tremulos—beijal-a.

Era um quadro celeste!.. A cada afago
Mesmo em sonhos a moça estremecia...
Quando ella serenava... a flor beijava-a...
Quando ella ia beijar-lhe... a flor fugia...v

Dir-se-hia que n'aquelle doce instante
Brincavam duas candidas creanças...
A brisa, que agitava as folhas verdes,
Fazia-lhe ondear as negras transas!

E o ramo ora ohogava ora afastava-se...
Mas quando a via despeitada a meio,
P'ra não zangal-a... sacodia alegre
Uma chuva de petalas no scio.....

Eu, fitando esta scena, repetia
N'aquella noite languida e sentida :
« O' flor!—tu és a virgem das campinas!
- Virgem!—tu és a flor de minha vida!... »

S. Paulo, Novembro de 1868.

JESUITAS.

(SECULO XVIII.)

O' mes frères, je viens vous apporter mon Dieu,
Je viens vous apporter ma tête!

V. Hugo (Châtiments)

Quando o vento da Fé soprava Europa,
Como o tufão, que impelle ao ar a tropa
Das aguias, que pousavam no alcantil;
Do zimbório de Roma—a ventaria
O bando dos Apost'los sacodia
Aos cerros do Brasil,

Tempos idos! Extinctos lusimentos!
O pó da cathequese aos quatro ventos
Revoava nos céus...

Floria após na India, ou na Tartaria,
 No Mississipi, no Perú, na Arabia
 Uma palmeira—Deus!—

O navio Maltez, do Latio a vela,
 A lusa nau, as quinas de Castella,
 Do Hollandez a galé
 Levavam sem saber ao mundo inteiro
 Os *vandalos* sublimes do cordeiro,
 Os *atilas* dá fé.

Onde ia aquella nau?—Ao Oriente.
 A outra?—Ao polo. A outra?—Ao occidente.
 Outra?—Ao norte. Outra?—Ao sul.
 E o que buscava? A Phoca além do pólo;
 O ambar, o cravo no indiano sólo,
 Mullieres em Stambul.

Ouro—na Australia; pedras—em Misora!...
 « Mentira! » respondia em voz canóra
 O filho de Jesus...
 « Pescadores!... nós vamos no mar fundo
 « Pescar almas p'ra o Christo em todo mundo,
 « Com um anzol—a cruz—!

Homens de ferro! Mal na vaga fria
 Colombo ou Gama um trilho descobria
 Do mar nos escarcéus,
 Um padre atravessava os equadores,
 Dizendo: « Genios!... sois os *batedores*
 Da *matilha* de Deus. »

Depois as solidões surpresas viam
 Esses homens inermes, que surgiam
 Pela primeira vez.
 E a onça recuando s'esgueirava
 Julgando o crucifixo... alguma clava
 Invencível talvez!

O martyrio, o deserto, o cardo' o espinho,
 A pedra, a serpe do sertão maninho,
 A fome, o frio, a dor,
 Os insectos, os rios, as lianas,
 Chuvas, miasmas, settas e savanas,
 Horror e mais horror...

Nada turbava aquellas fronteas calmas,
 Nada curvava aquellas grandes almas
 Voltadas p'ra amplidão...
 No emtanto elles só tinham na jornada
 Por couraça—a sotaina esfarrapada...
 E uma cruz—por bordão.

Um dia a *taba* do Tupi selvagem
 Tocava alarma... embaixo da folhagem
 Rangerá estranho pé...
 O caboc'lo da rêde ao chão saltava,
 A setta hervada o arco recurvava...
 Estrugia o *boré*.

E o tacape brandindo, a tribu fera
 De um tigre ou de um jaguar ficava a espera
 Com gesto ameaçador...

Surgia então no meio do terreiro,
O padre calmo, sancto, sobranceiro,
O *Piaga* do amor.

Quantas vezes então sobre a fogueira,
Aos estalos sombrios da madeira,
Entre o fumo e a luz...
A voz do martyr murmurava ungiã
Irmãos! Eu vim trazer-vos—minha vida...
Vim trazer-vos—Jesus!

Grandes homêns! Apostolos heroicos!..
Elles diziam mais do que os estóicos:
« Dor,—tu és um prazer!
« Grolha,—és um leite! Braza,—és uma gemma!
« Cravo,—és um sceptro! Chamina,—um diadema
« O' morte,—és o viver! »

Outras vezes no eterno ilinepario
O sol, que vira um dia no Calvario
Do Christo a santa cruz,
Enfiava de vir achar nos Andes
A mesma cruz, abrindo os braços grandes
Aos indios rubros, nós.

Eram elles que o verbo do Messias
Pregavam desde o valle ás serranias...
Do pólo ao Equador...
E o Niagára ia contar aos mares...
E o Chimborazo arremessava aos arcs
O nome do Senhor!...

S. Paulo—1868.

POESIA E MENDICIDADE.

NO ALBUM DA EX.^{ma} SNR.^a D. MARIA JUSTINA PROENÇA PEREIRA
PEIXOTO.

I.

Senhora! A Poesia outrora era a Estrangeira,
Pallida, aventureira, errante a viajar,
Batendo em duas portas—ao grito das procellas—
Ao céu—pedindo estrellas, á terra—um pobre lar!

Visão—de aureos laureis—porém de manto esqualido,
Mulher—de labio pallido—e olhar—cheio de luz.
Seus passos nos espinhos em sangue se assignalam...
E os astros lhe resvalam—á flor dos hombros nus...

II.

Olhai! O sol descamba... A tarde harmoniosa
Envolve luminosa a Grecia em frouxo véu.
Na estrada ao som da vaga, ao suspirar do vento,
De um marco poirento um velho então se ergueu.

Ergueu se tacteando... é cego... o cego aneia...
Porem o que tacteia aquella Augusta mão?...
Talvez busca pegar o sol, que lento expira!...
Fado cruel..., mentira!... Homero pede pão!

III.

Mas ai! voltei, Senhora, os vossos bellos olhos
D'aquelle mar de abrolhos, a um novo quadro! olhai!
Do vasto salão gothico eu ergo o reposteiro...
O lar é hospitaleiro... Entrai, Senhora, entrai!

Estamos na media idade. Arnez, gladio, armadura
Servem de compostura á sala vasta e chan.
A' um lado um galgo esvelto ameiga e acaricia
A mão suave, esguia—á loura castellã.

Vai o banquete em meio... O bardo se alevanta
Pega da lyra... canta... uma canção de amor...
Onvi-o! Para ouvil-o a estrella pensativa
Monga pela ogiva um raio de languor!

Dos ramos do carvalho a brisa se debruça...
 Na sala alguém soluça... (amor, ou languidez?)
 Subiot a nota extrema auceia, treme, rola...
 Alguem pede uma esmola... Senhora, não olheis!...

Assim nos tempos idos a musa canta e pede...
 Genio e mendigo... védc... o abysmo de irrisões!
 Tasso implora um olhar! Vai Ossian mendicante...
 Caminha roto o Dante! e pede pão Camões.

IV.

Bem sei, Senhora, que ao talento agora
 Surgio a aurora de uma luz amena.
 Hoje ha salario p'ra qualquer trabalho,
 Cinzel, ou malho, ferramenta ou penna!

Melhor que o Rei sabe pagar o pobre
 Melhor que o nobre—protector verdugo—!
 Foi surdo um *throno*... á maior gloria vossa...
 Abre-se a choça aos Miseraveis de Hugo.

Porem não sei se é por costume antigo,
 Que inda é mendigo do cantor o genio.
 Mudem-se os pannos do scenario á esmo
 Q. vulto é o mesmo... n'um melhor proscenio...

V.

Hoje o Poeta—caminheiro errante,
Que tem saudades de um paiz melhor.
Pede uma perola—á maré montante,
Do seio ás vagas—pede—um outro amor.

Alma sedenta de ideal na terra
Busca apagar aquella séde atroz!
Pede a harmonia divinal, que encerra
Do ninho o chilro... da tormenta a voz!

E o rir da folha, o susurrar da falla,
Threnos da estrella no amoroso estio,
Voz que dos póros o Universo exhala
Do céo, da gruta, do aleantil, do rio!

Pede aos pequenos, desde o verme ao tojo,
Ao fraco, ao forte...—preces, gritos, uivos...
Pede das aguias o possante arrojo,
Para encontrar os meteoros ruivos.

Pede á mulher que seja boa e linda
—Vestal de um typo que o *ideal* revela...
Pois ser formosa é ser melhor ainda...
Se és boa—és luz... mas se és formosa—estrella...

E pede á sombra, p'ra aljofrar de orvalhos
A fronte azul da solidão nocturna.

E pede ás auras, p'ra affagar os galhos
E pede ao lyrio, p'ra enfeitar a furna.

Pede ao olhar a maeiz suave
Que tem o arminho e o edredon macio,
O avelludado da pennugem d'ave,
Que affaga as plumas no palmar sombrio.

.....

E quando encontra sobre a terra iugrata
Um reverbéro do clarão celeste,
—Alma formada de uma essencia grata,
Que a lua—doura, e que um perfume veste;

Um rir, que nasce como o broto em maio;
Mostrando seivas de bondade infinda,
Fronte que guarda—a claridade e o raio,
—Virtude e graça—o ser bondosa e linda....

Então, Senhora, sob tanto encanto
Pede o Poeta (que não tem renome)
—Versos—á brisa p'ra vos dar um canto...
Raios ao sol—p'ra vos traçar o nome!...

Bahia 26 de Janeiro de 1870.

HYMNO AO SOMNO.

O' somno! ó noivo pallido
Das noites perfumosas,
Que um chão de *nebulosas*
Trilhas pela amplidão!
Em vez de verdes pampanos,
Na branca fronte enrolas
As languidas papoulas,
Que agita a viração.

Nas horas solitárias,
Em que vagueia a lua,
E lava a planta nua
Na onda azul do mar,
Com um dedo sobre os lábios
No vôo silencioso,
Vejo-te cauteloso
No espaço viajar!

Deus do infeliz, do miserol!
Consolação do afflicto!
Deseanço do precito,
Que sonha a vida em ti!
Quando a cidade tetrica
De angustias e dor não geme...
É tua mão que espreme
A dormideira alli.

Em tua branca tunica
Emvolvés meio mundo...
É teu seio fecundo.
De sonhos e visões,
Dos templos aos prostibulos,
Desde o tugurio ao Paço,
Tu lanças lá do espaço
Punhados de illusões!...

Da vide o sumo rúbido,
Do *hatchiz* a essencia,
O opio, que a indolencia
Derrama em nosso ser,
Não valem, genio magico,
Teu seio, onde repousa
A placidez da lousa
E o gozo do viver...

O' somno! Unge-me as palpebras...
Entorna o esquocimento
Na luz do pensamento,
Que abraza o cranco meu,

Como o pastor da Arcadia,
Que uma ave errante aninha...
Minh'alma é uma andorinha...
Abre-lhe o seio teu.

Tu, que fechaste as pétalas
Do lírio, que pendia,
Chorando a luz do dia
E os raios do arrebol,
Também fecha-me as palpebras...
Sem *Ella* o que é a vida?..
Eu sou a flor pendida
Que espera a luz do sol.

O leite das euphorbias
P'ra mim não é veneno...
Ouve-me, ó Deus sereno!
O' Deus consolador!
Com teu divino balsamo
Cala-me a anciedade!
Mata-me esta saudade.
Apaga-me esta dor.

Mas quando, ao brilho rutilo
Do dia deslumbrante,
Vires a minha amante
Que volve para mim,
Então ergue-me subito...
É minha aurora linda...
Meu anjo... mais ainda...
É minha amante emfim!

O' somno! O' Deus noctivago!
Doce influencia amiga!
Genio que a Grecia antiga
Chamava de Morpheu.
Ouve!... E se minhas supplicas
Em breve realisares...
Voto nos teus altares
Minha lyra de Orpheu!...

S. Paulo, 12 de Julho de 1868.

NO ALBUM DO ARTISTA LUIZ C. AMOEDO.

Nos tempos idos... O alabastro, o marmore
Reveste as formas desnudadas, medidas

De Venus ou Phryné.

Nem um veu p'ra occultar o seio tremulo,
Nem um tyrso a velar a coxa pallida...

O olhar não sonha... vê!

Um dia o artista, n'um momento lucido,
Entre *gazas de pedra* a loura Aspasia

Amoroso envolveu.

Depois, surpreso!... viu-a inda mais languida...
Souhou mais doudo aquellas formas lubricas...

Mais *nuas* sob um *veu*.

É o mysterio do espirito... A modestia

É dos talentos reis a sancta purpura...

Artista, és bello assim...

Este *sancto pudor* é só dos genios!—

Tambem o espaço esconde-se entre nevoas...

E no entanto é... sem fim!

S. Paulo, Abril de 1868,

VERSOS DE UM VIAJANTE.

Ai! nenhum Mago da Chaldea sabia
A dor abrandará que me devora.

(F. Varella.)

Tenho saudade das cidades vastas,
Dos invios cerros, do ambiente azul...
Tenho saudade dos ceruleos mares,
Das bellas filhas do paiz do sul!

Tenho saudade de meus dias idos
—Pet'las perdidas em fatal paul—
Pet'las, que outrora desfolhamos juntos,
Morenas filhas do paiz do sul!

Lá onde as vagas nas areias rolam,
Bem como aos pés da Oriental Stambul...
E da Tijuca na nitente espuma
Banham-se as filhas do paiz do sul.

Onde ao sereno a magnolia esconde
Os pyrilampos «de lanterna azul»,
Os pyrilampos, que trazeis nas coifas,
Morenas filhas do paiz do sul.

Tenho saudades... ai! de ti, São Paulo,
—Rosa de Hespanha no hibernal Friul—
Quando o estudante e a serenata acordam
As bellas filhas do paiz do sul.

Das varzeas longas, das manhãs brumosas,
Noites de nevoa, ao rugitar do sul,
Quando eu sonhava nos morenos seios,
Das bellas filhas do paiz do sul.

Em caminho, Fevereiro de 1870.

ONDE ESTÁS?

É meia noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo de desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento, que passa
Por meus cabellos fugaz:
• Vento frio do deserto,
Onde ella está? Longe ou perto? •
Mas, como um halito incerto,
Responde-me o echo ao longe:
• Oh! minh'amante, onde estás?... •

Vem! É tarde! Porque tardas?
 São horas de brando somno,
 Vem reclinar-te em meu peito
 Com teu languido abandono!...
 Stá vazio nosso leito...
 Stá vazio o mundo inteiro;
 E tu não queres qu'eu fique
 Solitario n'esta vida...
 Mas porque tardas, querida?...
 Já tenho esperado assáz...
 Vem depressa, que eu deliro
 Oh! minh'amante, onde estás?..

Estrella—na tempestade,
 Rosa—nos ernos da vida;
 Iris—do naufrago errante,
 Illusão—d'alma descrida,
 Tu foste, mulher formosa!
 Tu foste, ó filha do céu!...
 ... E hoje que o meu passado
 Para sempre morto jaz...
 Vendo finda a minha sorte,
 Pergunto aos ventos do norte...
 Oh! minh'amante, onde estás?..

Bahia.

A BOA-VISTA.

Sonha, poeta, sonha! Aqui sentado
No tosco assento da janella antiga,
Apoias sobre a mão a face pallida,
Sorrindo—dos amores á cantiga.

(Alvares de Azevedo)

Èra uma tarde triste, mas limpida e suave...
Eu—pallido poeta—seguia triste e grave
A estrada, que conduz ao campo solitario,
Como um filho, que volta ao paternal sacrario,
E ao longe abandonando o murmur da cidade
—Som vago, que gagueja em meio á immensidade—,
No drama do crepusculo eu escutava attento
A *surdina* da tarde ao sol, que morre lento.

À poeira da estrada meu passo levantava,
 Porém minh'alma ardente no céu azul marchava
 E os astros sacodia no vôo violento
 —Poeira, que dormia no chão do firmamento.

À pavidã andorinha, que o vendaval fustiga,
 Procura os coruchéus da cathedral antiga.
 Eu—andorinha entregue aos vendavaes do inverno,
 Lá seguindo triste p'ra o velho lar paterno.

Como a aguia, que do ninho talhado no rochedo
 Ergue o pescoço calvo por cima do fragedo,
 —(P'ra ver no céu a nuvem, que espuma o firmamento,
 E o mar,—corcel, que espuma ao latego do vento...)
 Longe o feudal castello levanta a antiga torre,
 Que aos raios do poente brilhante sol escorre!
 Eil-o soberbo e calmo o abutre de granito
 Mergulhando o pescoço no séio do infinito,
 E lá de cima olhando com seus clarões vermelhos
 Os tectos, que á seus pés parecem de joelhos!...

Não! minha velha torre! Oh! atalaia antiga,
 Tu olhas esperando alguma face amiga,
 E perguntas talvez ao vento, que em ti chora:
 * Porque não volta mais o meu senhor d'outr'ora?
 Porque não vem sentar-se no banco do terreiro
 Ouvir das creancinhãs o riso feiticéiro;

E pensando no lar, na sciencia, nos pobres
 Abrigar n'esta sombra seus pensamentos nobres?

 Onde estão as creanças—grupo alegre e risonho
 —Que escondiam-se atraz do cypreste tristonho...
 Ou que enforçaram riudo um feio *Pulchinello*.
 Em quanto a doce Mãe, que é toda amor, disvello
 Ralha com um rir divino o grupo folgasão,
 Que vem correndo alegre beijar-lhe a branca mão?...

É nisto que tu scismas, ó torre abandonada,
 Vendo deserto o parque e solitaria a oestrada.
 No emtanto eu—estrangeiro, que tu já não conheces—
 No limiar de joelhos só tenho pranto e preces.

Oh! deixem-me chorar!... Meu lar... meu doce ninho!
 Abre a vetusta grade ao filho teu mesquinho!
 Passado—mar immenso!... innunda-me em fragrançia!
 Eu não quero laureis, quero as rosas da infancia.

Ai! Minha triste frente, aonde as multidões.
 Lançaram misturadas glorias e maldições...
 Acalenta em teu seio, ó solidão sagrada!
 Deixa est'alma chorar em teu hombro encostada!

Meu lar está deserto... Um velho cão de guarda
 Veio saltando á custo roçar-me a testa parda.
 Lamber-me após os dedos, porém á sós comsigo
 Ruscgando com o direito, que tem um velho amigo...

Como tudo mudou-se!... O jardim 'stá inculto-
As roseiras morreram do ventô ao rijo insulto...

A herva innunda a terra; o musgo trepa os muros
A urtiga silvestre enrola em nós impuros
Uma estatua cahida, em cuja mão nevada
A aranha estende ao sol a têa delicada!...
Mergulho os pés nas plantas selvagens, espalmadas,
As borboletas fogem-me em lucidas manadas...
E ouvindo-me as passadas tristonhas, taciturnas,
Os grillos, que cantavam, calaram-se nas furnas...

Oh! jardim solitario! Reliquia do passado!
Minh'alma, como tu, é um parque arruinado!
Morreram-me no seio as rosas em fragrancia,
Veste o pesar os muros dos meus vergeis da infancia.
A estatua do talento, que pura em mim s'erguia,
Jaz hoje—e nella a turba enlaça uma ironia!...
Ao menos como tu, lá d'alma n'um recanto
Da casta poesia ainda escuto o canto,
—Voz do céu, que consola, se o mundo nos insúlta,
E na gruta do seio murmura um threno occulta.

Entremos!... Quantos echos na vasta escadaria,
Nos longos corredores respondem-me á porfia!...

Oh! casa de meus pais!... A' um craneo já vasio,
Que o hospede largando deixou calado e frio,
Compara-te o estrangeiro—caminhando indiscreto
Nestes salões immensos, que abriga o vasto tecto.

Mas eu no teu vasio—vejo uma multidão
 Falla-me o teu silencio—ouço-te a solidão!...
 Povoam-se estas salas...

E eu vejo lentamento
 No solo resvalarem fallando tenuemente
 D'est'alma e d'este seio as sombras venerandas
 Phantasmas adorados—visões subtis e brandas...

Aqui... além... mais longe... por onde eu movo o passo,
 Como aves, que espantadas arrojam-se ao espaço,
 Saudades e lembranças s'erguendo—bando alado—
 Roçam por mim as azas voando p'ra o passado.

Boa-Vista 18 de Novembro de 1867.

A' UMA ESTRANGEIRA.

(LEMBRANÇA DE UMA NOITE NO MAR.)

Sens-tu mon cœur, comme il palpise?
Le tien comme il battait galement!
Je m'en vais pourtant, ma petite,
 Bien loin, bien vite,
 Toujours t'aimant.

(Chanson.)

Ignez! nas terras distantes,
Aonde vives talvez,
Inda lembram-te os instantes
D'aquella noite divina?...
Estrangeira, peregrina,
Quem sabe?—Lembras-te, Ignez?

Branda noite! A noite immensa
Não era um ninho?—Talvez!...
Do Atlântico a vaga extensa
Não era um berço?—Oh! Se o era...
Berço e ninho... ai, primavera!
O ninho, o berço de Ignez.

As vezes estremecias...
Era de febre? Talvez!...
Eu pegava-te as mãos frias
P'ra aquentá-las em meus beijos...
Oh! pallidez! Oh! desejos!
Oh! longos ciliós de Ignez.

Na prôa os nautas cantavam;
Eram saudades?... Talvez!
Nossos beijos estalavam
Como estala a castanhola...
Lembras-te acaso, hespanhola?
Acaso lembras-te; Ignez?

Meus olhos nos teus morriam...
Seria vida?—Talvez!
E meus prantos te diziam:
Tu levas minh'alma, ó filha,
Nas rendas desta mantilha...
Na tua mantilha, Ignez!

De Cadix o aroma ainda
Tinhas no seio...—Talvez!
De Buenos Ayres a linda,

Volvendo aos láres, trazia
As rosas de Andalusia
Nas lisas facos de Iñez!

E volvia a Americana
Do Plata ás vagas... Talvez?
E a brisa amorosa, insana
Misturava os meus cabellos
Aos cachos escuros, bellos,
Aos negros cachos de Iñez!

As estrelas acordavam
Do fundo do mar... Talvez!
Na proa as ondas cantavam,
E a serenata divina
Tu, com a ponta da botina,
Marcavas no chão... Iñez!

Não era cumplicidade
Do céu, dos mares? Talvez!
Dir-se-hia que a immensidade
—Conspiradora mimosa—
Dizia á vaga amorosa:
Segreda amores á Iñez!

E como um véu transparente,
Um véu de noiva... talvez,
Da lua o raio trememente
Te enchia de casto brilho...
E á rastos no tombadilho
Cahia á teus pés... Iñez!...

Essa noite delirante
Podeste esquecer?—Talvez...
Ou talvez que neste instante,
Lembrando-te inda saudosa,
Suspires, moça formosa!...
Talvez te lembres... Ignez!

Çurrálinho 2 de Julho de 1870.

PERSEVERANDO

A' REGUEIRA COSTA.

(Traducção de V. Hugo.)

À aguia é o genio... Da tormenta o passarò,
Que do monte arremette o altivo pincaro,
Qu'ergue um grito aos fulgores do arrebol,
Cuja garra jamais se péa em lodo,
E cujo olhar de fogo troca raios
—Contra os raios do sol.

Não tem ninho de palhas... tem um antro
 —Rocha talhada ao martellar do raio,
 —Brecha em serra, ant'a qual o olhar tremcu...
 No flanco da montanha—asylo tremulo,
 Que sacode o tufão entre os abysmos
 —O precipicio e o céu.

Nem pobre verme, nem dourada abelha
 Nem azul borboleta... sua prole
 Faminta, boquiaberta espera ter...
 Não! São aves da noite, são serpentes,
 São lagartos immundos, que ella arroja
 Aos filhos p'ra viver.

Ninho de rei!... palacio tenebroso,
 Que a avalanhe á saltar co'ca tombando!...
 O genio ahí enseiba a geração...
 E ao eú lhe erguendo os olhos flammejantes
 Sob as azas de fogo aquenta as almas
 . Que um dia voarão.

Porque espantas-te, amigo, se tua fronte
 Já de raios pejada, choca a nuvem?...
 Se o reptil em teu ninho se debate?...
 É teu folgar primeiro... é tua festa!...
 Aguias! P'ra vós ead'hora é uma tormenta,
 Cada festa um combate!...

Radia!... É tempo!... E se a lufada erguer-se
Muda a noite feral em prisma fulgido!
De teu alto pensar completa a lei!...
Irmão!—Prende esta mão de irmão na minha!
Toma a lyra—Poeta! Aguias—esvoaça!
Sobe, sobe, astrô rei!...

De tua aurora a bruma vai fundir-se
Aguias faz-te mirar do sol, do raio;
Arranca um nome no febril cantar.
Vem! A gloria, que é o alvo de vis settas,
É bandeira arrogante, que o combate
Embeleza ao rasgar.

O meteoro real—de coma fulgida—
Rola e se engrossa ao devorar dos mundos...
Gigante! Cresces todo dia assim!...
Tal teu genio, arrastado em novos trilhos,
No curso audaz constellações de idéas,
Marcha e recresce no marchar sem fim!...

Pernambuco, Santo Amaro—1867.

O CORAÇÃO.

O coração é o colibri dourado
Das veigas puras do jardim do céu.
Um—tem o mel da granadilha agreste,
Bebe os perfumes, que a bonina deu.

O outro—vôa em mais virentes balsas,
Pousa de um riso na rubente flor.
Vive do mel—á que se chama—crenças—,
Vive do aroma—que se diz—amor.—

Recife—1865.

MURMURIOS DA TARDE.

Écoute! tout se tait; songe á ta bien aimée,
Ce soir, sous les tilleuls, á la sombre ramée,
Le rayon du couchant laisse un adieu plus doux;
Ce soir, tout va fleurir: l'immortelle nature
Se remplit de parfums, d'amour et de murmure,
Comme le lit joyeux de deux jeunes époux.

A de Musset.

Rosa! Rosa de amor purpurea e bella.

Garret.

Hontem á tarde, quando o sol morria,
A natureza era um poema sancto.
De cada moita a escuridão sahia,
De cada gruta rebentava um canto,
Hontem á tarde, quando o sol morria.

Do céu azul na profundeza escura
Brilhava a estrella, como um fructo louro,
E qual a foice, que no chão fulgura,
Mostrava a lua o semicirc'lo d'ouro,
Do céu azul na profundeza escura.

Larga harmonia embalsamava os ares!
Cantava o ninho—suspirava o lago...
E a verde pluma dos subtís palmares
Tinha das ondas o murmurio vago...
Larga harmonia embalsamava os ares.

Era dos seres a harmonia immensa
Vago concerto de saudade infinda!
« Sol—não me deixes » diz a vaga extensa.
« Aura—não fujas » diz a flor mais linda;
Era dos seres a harmonia immensa!

« Leva-me! leva-me em teu seio amigo »
Dizia ás nuvens o choroso orvalho,
« Rola que foges » diz o ninho antigo,
« Leva-me ainda para um novo galho... »
« Leva-me! leva-me em teu seio amigo.. »

« Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha! »
« Inda um calor, antes que chegue o frio... »
E mais o musgo se conchega á penha ;
E mais á penha se conchega o rio...
« Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha! »

E tu no entanto no jardim vagavas,
 Rosa de amor, celestial Maria...
 Ai! como esquivava sobre o chão pisavas,
 Ai! como alegre a tua boca ria...
 E tu no entanto no jardim vagavas.

Eras a estrella transformada em virgem!
 Eras um anjo; que se fez menina!
 Tinhas das aves a celeste origem.
 Tinhas da lua a pallidez divina,
 Eras a estrella transformada em virgem!

Flor! Tu chegaste de outra flor mais perto.
 Que bella rosa! que fragrancia meiga!
 Dir-se-hia um riso no jardim aberto,
 Dir-se-hia um beijo, que nasceu na veiga...
 Flor! Tu chegaste de outra flor mais perto!...

E eu, que escutava o conversar das flores,
 Ouvi, que a rosa murmurava ardente:
 « Colhe-me, ó virgem,—não terei mais dores,
 « Guarda-me, ó bella, no teu seio quente... »
 E eu escutava o conversar das flores.

« Leva-me! leva-me, ó gentil Maria! »
 Tambem então eu murmurei scismando...
 « Minh'alma é rosa, que a geada esfria...
 « Dá-lhe em teus seios um asylo brando...
 « Leva-me! leva-me, ó gentil Maria!... »

Rio de Janeiro, 12 de Outubro 1869.

PELAS SOMBRAS.

AO PADRE FRANCISCO DE PAULA.

C'est que je suis frappé du doute
C'est que l'étoile de la foi
N'éclaire plus ma noire route ;
Tout est abîme autour de moi!

(*La Morvonnais.*)

Senhor! A noite é brava... a praia é tola escolhos:
Ladram na escuridão das *Circes as cadellas*...
As lívidas marés atiram, a meus olhos,
Cadaveres, que riem á face das estrellas!

Da garça do oceano as ensopadas pennas
 O morbido suor enchugam-mo da testa.
 Na aresta do rochedo o pé se firma apenas...
 No entanto ouço do abysmo a rugidora festal...

Nas orlas de meu manto o vendaval s'enrola...
 Como invisivel dextra açoita as faces minhas...
 Emquanto que eu tropeço... um grito ao longe rola...
 « Quem foi? perguntam rindo as solidões marinhas.

Senhor! Um facho ao menos empresta ao caminhante,
 A treva me assoberba... O' Deus! dá-me um clarão!

E uma Voz respondeu nas sombras triumphante :
 Acende, ó Viajor!—o facho da Razão!

.....

Senhor! Ao pé do lar, na quietação, na calma
 Póde a flamma subir brilhante, loura, eterna;
 Mas quando os vendavaes, rugindo, passam n'alma,
 Quem póde resguardar a tremula lanterna?

Torcida... desgrenhada aos dedos da lufada
 Bateu-me contra o rosto... e se abysmou na treva.
 Eu vi-a vacillar... e minha mão queimada
 A lampada sem luz embalde ao raio eleva.

Quem fez a gruta—escura, o pyrilampo cria!
Quem fez a noite—azul, inventa a estrella clara!
Na frente do oceano—acende uma ardentia!
Com o flóco do Santelmo—a tempestade aclara!

Mas ai! Que a treva interna—a duvida constante—
Deixaste assoberbar-me em funda escuridão!...

E uma Voz respondeu nas sombras triumphante:
- Acende, ó Viajor! a Fé no Coração!...

Çurrallinho, 5 de Junho de 1870,

ODE AO DOUS DE JULHO,

(RECITADA NO THEATRO DE S. PAULO.

Era no dous de Julho. A pugna immensa
Travára-se nos serros da Bahia...

O anjo da morte pallido cosia

Uma vasta mortalha em Pirajá.

« Neste lençol tão largo, tão estenso,

« Como um pedaço roto do infinito...

O mundo perguntava erguendo um grito

« Qual dos gigantes morto rolará?!... »

Debruçados do céu... a noite e os astros

Seguiam da peleja o incerto fado...

Era a tocha—o fusil avermelhado!

Era o Circo de Roma—o vasto chão!

Por palmas—o troar da artilharia!
 Por feras—os canhões negros rugiam!
 Por atletas—dous povos se batiam!
 Enorme amphitheatro—era a amplidão!

Não! Não eram dous povos, que abalavam
 N'aquelle instante o solo ensanguentado...
 Era o porvir—em frente do passado,
 A liberdade—em frente á escravidão.
 Era a lucta das aguias—e do abutre,
 A revolta do pulso—contra os ferros,
 O pugilato da rasão—com os erros,
 O duello da treva—e do clarão!..

No entanto a lucta recrescia indomita...
 As bandeiras—como aguias erriçadas—
 Se abysmavam com as azas desdobradas
 Na selva escura da fumaça atroz...
 Tonto de espanto, cego de metralha
 O archanjo do triumpho vacillava...
 E a gloria desgrenhada acalentava
 O cadaver sangrento dos heroes!...

.....

Más quando a branca estrella matutina
 Surgiu do espaço... e as brizas forasteiras
 No verde leque das gentis palmeiras
 Foram cantar os hymnos do arrebol,

Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina:
Eras tu—liberdade peregrinal
Esposa do porvir—noiva do sol!...

Eras tu que com os dedos ensopados
No sangue dos avós mortos na guerra,
Livre sagravas a Columbia terra,
Sagravas livre a nova geração!
Tu que erguias, subida na pyramide,
Formada pelos mortos do Cabrito,
Um pedaço de gladio—no infinito...
Um trapo de bandeira—n'amplidão!...

S. Paulo, Julho de 1868.

A' DUAS FLORES.

São duas flores unidas,
São duas rosas nascidas
Talvez no mesmo arrebol,
Vivendo no mesmo galho,
Da mesma gota de orvalho,
Do mesmo raio de sol.

Unidas, bem como as pennas
Das duas azas pequenas
De um passarinho do céu...
Como um casal de rolinhas,
Como a tribu de andorinhas
Da tarde no frouxo véu.

Unidas, bem como os prantos,
Que em parêlha descem tantos
Das profundezas do olhar...
Como o suspiro e o desgosto,
Como as covinhas do rosto,
Como as estrellas do mar.

Unidas... Ai quem podera
'Numa eterna primavera
Viver, qual vivê esta flor.
Juntar as rosas da vida
Na rama verde e florida,
Na verde rama do amor!

Curralinho, Março de 1870:

Ô TONEL DAS DANAIDES.

DIÁLOGO.

Na torrente caudal de seus cabellos negros
Alegre eu embarquei da vida a rubra flor.

—Poeta! Eras o Doge o anel lançando ás ondas...
Ao fundo de um abysmo... arremeçastê o amor.

Depois minh'alma ao som da Lyra de cem vozes
Sublimes phantasias em notas desfolhou.

—Cleopatra tambem p'ra erguer no Tibre a espuma
As per'las do collar nas vagas desfiou!

Depois fiz de meu verso a purpura escarlate
Por onde ella pizasse em marcha triumphal!

—Como Hercules, volveste aos pés da insana Omphalia
O fuso feminil de uma paixão fatal.

Um dia ella me disse: « Eu sou uma exilada! »
Ergui-me... e abandonei meu lar e meu paiz...

—Assim o filho prodigo atira as vestes quentés
E treme no caminho aos pés da meretriz.

E quando debrucei-me á beira d'aquella alma
P'ra vér toda riqueza e affectos que lhe dei!...

—Ai! nada mais achaste! o ahysmo os devorara...
O pego se esqueceu da dadiya do Rei!

Na gruta do chacal ao menos restam ossos...
Mas tudo sepultou-me aquelle amor cruel!

—Poeta! O coração da fria Messalina
É das fataes Danaides o perfido *Tonel!*

14 de Outubro de 1869.

À LUIZ.

(NO DIA DE SEU NATALICIO.)

A imaginação, com o vôo ousado, aspira á principio á eternidade... Depois um pequeno espaço basta em breve para os destroços de nossas esperanças illudidas!...

(Goethe.)

Como um perfume de longinquas plagas
Traz o vento da patria ao peregrino,
O' meu amigo! que saudade infinda
Tu me trazes dos tempos de menino!

É o ledo enchame de subtis abelhas
Que vem lembrar á flor o mel d'aurora...
Acres perfumes de uma idade ardente
Quando o labio surri... mas nunca chora!

Que tempos idos! que esperanças louras!
Que scismas de poesia e de futuro!
Nas paginas do triste Lamartine
Quanto sonho de amor pousava puro!...

E tu fallavas de um amor celeste,
De um anjo, que depois se fez esposa...
—Moça, que troca os risos de creança
Pelo meigo scismar de mãe formosa.

Oh! meu amigo! n'este doce instante
O vento do passado em mim suspira,
E minh'alma estremece de alegria,
Como ao beijo da noite geme a lyra.

Tu paraste na tenda, ó peregrino!
Eu vou seguindo do deserto a trilha;
Pois bem... que a lyra do poeta errante
Seja a benção do lar e da familia.

Rio, Fevereiro de 1868.

DALILA.

Fair defect of nature
Milton—Paradise lost.

Foi desgraça, meu Deus!... Não!... Foi loucura.
Pedir seiba de vida—á sepultura,
 Em gelo—me abrasar,
Pedir amores—á Marco sem brio,
E á rebolcar-me em leito immundo e frio
 —A ventura buscar.

Errado viajor—sentei-me á alfombra
E adormeci da mancenilha á sombra
 Em berço de setim...

Embalava me a brisa no meu leito...
 Tinha o veneno á lacerar-me o peito
 —A morte dentro em mim...

Foi loucura!... No occaso—tomba o astro;
 A estatua branca e pura de alabastro
 —Se mancha em lodo vil...
 Quem rouba a estrella—á tumba do occidente?
 Que Jordão lava na lustral corrente
 O marmoreo perfil?...

.....

Talvez!... Foi sonho!... Em noite nevoenta
 Ella passou sosinha, macilenta
 Tremendo á soluçar...
 Chorava—nenhum echo respondia...
 Sorria—a tempestade além bramia...
 E ella sempre a marchar.

E eu disse-lhe: Tens frio?—arde minha alma.
 Tens os pés á sangrar?—podes em calma
 Dormir no peito meu.
 Pomba errante—é meu peito um ninho vago!
 Estrella—tens minha alma—immenso lago—
 Reflecte o rosto teu!...

E amamos... Este amor foi um delirio...
 Foi ella miuha crença, foi meu lyrio,
 Minha estrella sem veu...

Seu nome era o meu canto de poesia,
 Que com o sol—penna de buro—eu escrevia
 Nas laminas do céu.

Em seu seio escondi-me... como á noite
 Incauto collibri, temendo o açoite
 Das iras do tufão,
 A cabecinha esconde sob as azas,
 Faz seu leito gentil por entre as gazas
 Da rosa do Japão.

E depois... embalei-a com meus cantos
 Seu passado esqueci... lavei com prantos
 Seu lodo e maldição...
 ...Mas um dia acordei... E mal desperto
 Olhei em torno á mim...—Tudo deserto...
 Deserto o coração...

Ao vento, que gemia pelas franças
 Por ella perguntei... de suas franças
 A' flor que ella deixou...
 Debalde... Seu lugar era vasio...
 E meu labio queimado e o peito frio,
 Foi ella que o queimou...

Minha alma nodou no oséculo immundo,
 Bem como Satanaz—beijando o mundo—
 Manchou a criação,
 Simoun—crestou-me da esperanza as flores...
 Tormenta—ella afogou nos seus negroses
 A luz da inspiração...

Vai, Dalila!... É bem longa tua estrada...
É suave a descida—terminada

Em barathro cruel.

Tua vida—é um banho de ambrosia...

Mais tarde a morte e a lampada sombria

Pendente do bordel.

Hoje flores... A musica soando...

As perlas do Champagne gottejando

Em taças de chrystal.

A volupia a escaldar na louca insommia...

Mas suffoca os festins de Babylonia

A legenda fatal,

Tens o seio de fogo e a alma fria.

O sceptro empunhas lubrico da orgia

Em que reinas tu só!...

Mas que finda o ranger da uma mortalha,

A enchada do covciro que trabalha

A' revolver o pó.

Não te maldigo, não!... Em vasto campo

Julguei-te—estrella,—e cras—pyrilampo

Em meio á cerração...

Prometheu—quiz dar luz á fria argilla...

Não pude... Pede á Deus, louca Dalila,

A luz da redempção!...

Recife—1864.

AS DUAS ILHAS.

SOBRE UMA PAGINA DA POESIA DE V. HUGO, COM O MESMO TITULO.

Quando á noite—ás horas mortas—
O silencio e a solidão
—Sob o docel do infinito—
Dormem do mar n'amplidão,
Vê-se, por cima dos mares,
Rasgando o tecto dos ares
Dous gigantescos perfis...
Olhando por sobre as vagas,
Attentos, lonquinhas plagas
Ao clarear dos fuzis.

Quem os vê, olha espantado
 E á sós murmura: O que é?
 Ai! que atalaias gigantes,
 São essas além de pé?!...
 Adamastor de granito
 Co'a testa roça o infinito
 E a barba molha no mar;
 E de pedra a cabelleira
 Sacudind'a onda ligeira
 Faz de medo recuar...

São—dous marcos milliarios,
 Que Deus, nas ondas plantou.
 Dous rochedos, onde o mundo
 Dous Prometheus amarrou!...
 —Acolá... (Não tenhas medo!...),
 É a Sancta Helena—o rochedo
 D'esse Titan, que foi rei!...
 —Alli... (Não feches os olhos!...)
 Alli... aquelles abrolhos
 São a ilha de Jersey!...

São elles—os dous gigantes
 No seculo de pygmeus,
 São elles—que a magestade
 Arrancam da mão de Deus.
 —Este concentra na fronte
 Mais astros—que o horisonte,
 Mais luz—do que o sol lançou!...
 —Aquelle—na dextra alçada
 Traz segura sua espada
 —Cometa, que ao céu roubou!...

E olham os velhos rochedos
O Sena, que dorme além...
E a França, que entre a caligem
Dorme em sudario também...
E o mar pergunta espantado:
Foi devéras desterrado
Buonaparte—meu irmão?...
Diz o céu astros chorando:
E Hugo?... E o mundo pasmando
Diz: Hugo... Napoleão!...

Como vasta reticencia
Se estende o silencio após...
És muito pequena, ó França,
P'ra conter estes heróes...
Sim! que estes vultos augustos
Para o leito de Procustos
Muito grandes Deus traçou...
Basta os reis tremam de medo
Se a sombra de algum rochedo
Sobre elles se projectou!...

Dizem que, quando, alta noite,
Dorme a terra—e vela Deus,
As duas ilhas conversam
Sem temor perante os céus;
—Jersey curva sobre os mares
A' Sancta Helena os pensaes
Segreda do velho Hugo...
—E Sancta Helena no entanto
No *Salgueiro* enchuga o pranto
E conta o que *Elle* fallou...

E olhando o presente infame
Clamam : = Da turba vulgar
Nós—infinitos de pedra—
Nós havemol-os vingar!...
E do mar sobre as escumas,
E do céu por sobre as brumas,
Um ao outro dando a mão...
Encaram a immensidade
Bradando: A Posteridade!...
Deus ri-se e diz : « Inda não!...

Recife, 1865.

AO ACTOR JOAQUIM AUGUSTO.

Um dia Pygmalião—o estatuario
Da officina no tosco sanctuario
 Poz-se a pedra a talhar...
Surgem contornos languidos, amenos...
E dos *flocos de marmore* outra Venus
 Surge d'est'outro mar.

De orgulho o mestre ri... A estatua é bella!
Da Grecia as filhas por inveja d'ella
 Vão nas grutas gemer...
Mas o artista soluça: « O' Grande Jove!
 Ella é bella... bem sei—mas não se move!
 « É sombra—e não mulher! »

Então do excelso Olympo o deos—tonante
 Manda que desça um raio fulgurante
 A' tenda do esculptor.
 Vixe a estatua! Nos olhos—treme o pejo,
 Vive a estatua!... Na boca—treme um beijo,
 Nos seios—treme amor.

O poeta é—o moderno estatuario
 Que na vigilia crea solitario
 Visões de seio nú!
 O marmore da Grecia—é o novo drama!
 Mas o raio vital quem lá derrama?...
 É Jupiter!... Es tu!...

Como Gluck nas selvas aprendia
 Ao som do violoncello a melodia
 Da sancta inspiração,
 Assim bebes attento a voz obscura
 Do vento das paixões na selva escura
 Chamada—multidão.

Gargalhadas, suspiros, beijos, gritos,
 Cantos de amor, blasphemias de precitos,
 Choro ou reza infantil,
 Tudo colhes... e voltas co'as mãos cheias,
 —O craneo largo a transbordar de ideias
 E de creações mil.

Então começa a lucta, a lucta enorme.
 Desta materia tosca, aspera, informe,
 Que na panga apanhou,

Teu genio vai forjar novo thesouro...
 O *cobre escuro* vai mudar-se *em ouro*,
 Como Fausto o sonhou!

Gloria ao Mestre! Passando por seus dedos
 Dóe mais a dor... os risos são mais ledos...
 O amor é mais do céu...
 Rebenta o *ouro* d'esta frente aceza!
 O artista corrigio a natureza!
 O alchimista venceo!

Então surges, Actor! e do proscenio
 Atiras as moedas do teu genio
 A's pasma multidões.
 Prodigio enorme! a tua enorme esmola
 Cunhada pela effigie tua rola
 Nos nossos corações.

Por isso agora, no teu almo dia,
 Vieram dando as mãos a Poesia
 E o povo, bem o vês;
 Como nos tempos d'essa Roma antiga
 Aos pés d'esse outro Augusto a plebe amiga
 Atirava laureis...

Augusto! E o nome teu não se desmente...
 O diadema real na vasta frente
 Cinges... eu bem o sei!
 Mandas no povo d'este novo Latio...
 E os poetas repetem como Horacio:
 Salve! Augusto! Rei!

S. Paulo, Outubro 1868.

OS ANJOS DA MEIA NOITE.

PHOTOGRAPHIAS.

I

Quando a insomnia, qual livido vampiro,
Como o archanjo da guarda do Sepulchro,
Vela á noite por nós,
E banha-se em suor o travesseiro,
E além geme nas franças do pinheiro
Da brisa a longa voz...

Quando sangrenta a luz no alampadario
Estala, cresce, expira, após resurge,
Como uma alma á penar;
E canta aos guizos rubros da loucura
A febre—a meretriz da sepultura—
A' rir e á soluçar;...

Quando tudo vacilla e se evapora,
 Muda e se anima, vive e se transforma,
 Cambaleia e se esváe...
 E da sala na magica penumbra
 Um mundo em trevas rapido se obumbra...
 E outro das trevas sáe...

.....

Então... nos brancos mantos, que arregaçam
 Da meia noite os Anjos alvos passam
 Em longa procissão!
 E eu murmuro ao fital-os assombrado:
 São os Anjos de amor de meu passado
 Que desfillando vão...

Almas, que um dia no meu peito ardente
 Derramastes dos sonhos a semente,
 Mulheres, que eu amei!
 Anjos louros do céu! virgens serenas!
 Madonas, Cherubins, ou Magdalenas!
 Surgi! apparecei!

Vinde, phantasmas! Eu vos amo ainda;
 Acorde-se a harmonia á noite infinda
 Ao roto bandolim...

.....

E no ether, que em notas se perfuma,
 As visões s'alteando uma por uma...
 Vão desfillando assim!...

1.^a SOMBRA.

MARIETTA.

Como o genio da noite, que desata
O véo de rendas sobre a espadua nua,
Ella solta os cabellos... Bate a lua
Nas alvas dobras de um lençol de prata...

O seio virginal, que a mão recata,
Embalde o prende a mão... cresce, fluctua...
Sonha a moça ao relento... Além na rua
Preludia um violão na screnata!...

...Furtivos passos morrem no lagedo...
Resvala a escada do balcão discreta...
Matam labiões os beijos em segredo...

Affoga-me os suspiros, Marietta!
Oh surpresa! oh pallor! oh pranto! oh medo!
Ai! noites de Romeu e Julieta!...

2.^a SOMBRA.

BARBORA.

Erguendo o calix, que o Xerez perfuma,
Loura a trança alastrando-lhe os joelhos,
Dentes niveos em labios tão vermelhos,
Como boiando em purpurina eseuima;

Um dorso de Walkiria... alvo de bruma,
Pequenos pés sob infantis artelhos,
Olhos vivos, tão vivos, como espelhos,
Mas como elles tambem sem chamma alguma;

Garganta de um pallor alabastrino,
Que harmonias e musicas respira...
No labio—um beijo... no beijar—um hymno;

Harpa eolia á esperar que o vento a fira,
—Um pedaço de marmore divino...
—E o retrato de Barbora—a Hetaira.—

3.^a SOMBRA.

ESTHER.

Vem! no teu peito callido e brilhante
 O nardo oriental melhor transpira!...
 Enrola-te na longa cachemira,
 Como as Júdias moles do Levante.

Alva a clámyde aos ventos—roçagante...
 Tumido o labio, onde o psalterio gira...
 O' musa de Israell' pega da lyra...
 Canta os martyrios de teu povo errante!

Mas não... brisa da patria além revôa,
 E ao dolamber-lhe o braço de alabastro,
 Fallou-lhe de partir... e parte... e vôa...

Qual nas algas marinhas desce um astro...
 Linda Esther! teu perfil se esváe... s'escóá...
 Só me resta um perfume... um canto... um rastro...

4.^a SOMBRA.

FABIOLA.

Como teu riso dóe... como na treva
Os lémures respondem no infinito:
Tens o aspecto do passaro maldicto,
Que em sanie de cadáveres se seva!

Filha da noite! A ventania leva
Um soluço de amor pungente, afflicto...
Fabiola: É teu nome!... Escuta... é um grito,
Que lacerante para os céus s'eleva!...

E tu folgas, Bacchante dos amores,
É a orgia, que a mantilha te arregaça,
Enche a noite de horror, de mais horrores...

É sangue, que referve-te na taça!
É sangue, que horrifa-te estas flores!
E este sangue é meu sangue... é meu... Desgraça!

5.^a E 6.^a SOMBRAS.

CANDIDA. E LAURA.

Como no tanque de um palacio mago,
Dous alvos cysnes na bacia liza,
Como nas agoas, que o barqueiro friza,
Dous nenuphars sêbrê o azul do lago,

Como nas hastes em balouço vago
Dous lyrios roxos, que acalenta a briza,
Como um casal de juritys, que piza
O mesmo ramo no amoroso affago...

Quaes dous planetas na cerulea esphera,
Como os primeiros pampanos das vinhas,
Como os renovos nos ramaes da hera,

Eu vos vejo passar nas noites minhas,
Creanças, que trazeis-me a primavera...
Creanças, que lembraes me as andorinhas!...

7.^a SOMBRA.

DULCE.

Se houvesse ainda talisman bemdicto,
Que desse ao pantano—a corrente pura,
Musgo—ao rochedo, festa—á sepultura,
Das aguias negras—harmonia ao grito...

Se alguém pudesse ao infeliz precito
Dar lugar no banquete da ventura...
E trocar-lhe o velar da insomnia escura
No poema dos beijos—infinito...

Certo... serias tu, donzella casta,
Quem me tomasse em meio do Calvario
A cruz de angustias, que o meu ser arrasta!...

Mas se tudó recusa-me o fadario,
Na hora de expirar, ó Dulce, basta
Morrer beijando a cruz de teu rosario!...

8.^a SOMBRA.

ULTIMO PHANTASMA.

Quem és tu, quem és tu, vulto gracioso,
Que te elevas da noite na orvalhada?
Tens a face nas sombras mergulhada...
Sobre as nevoas te libras vaporoso...

Baixas do céu n'um vôo harmonioso!...
Quem és tu, bella e branca desposada?
Da lorangeira em flor a flor nevada
Cerca-te a fronte, ó ser mysterioso!...

Onde nos vimos nós?... És d'outra esphera?
És o ser que eu busquei do sul ao norte...
Por quem meu peito em sonhos desespera?...

Quem és tu? Quem és tu?—És minha sorte!
És talvez o ideal que est'alma espera!
És a gloria talvez! Talvez a morte!...

Santa Izabel—Agosto de 1870.

O HOSPEDE.

Choro por ver que os dias passam breves
E te esqueces de mim quando te fores;
Como as brisas que passam doudas, leves,
E não tornam atraz a ver as flores.

(Theophilo Braga.)

Onde vaes estrangeiro! Porque deixas
O solitario albergue do deserto?
O que buscas além dos horisontes?
Porque transpor o pincaro dos montes,
Quando podes achar o amor tão perto?...

Pallido moço! Um dia tu chegaste
De outros climas, de terras bem distantes...
Era noite!... A tormenta além rugia...
Nos abetos da serra a ventania
Tinha gemidos longos, delirantes.

« Uma bosina restrugio no valle
 Junto aos barrancos onde geme o rio...
 De teu cavallo o gallop soava,
 E teu cão ululando replicava
 Aos surdos roncões do trovão brayio.

Entraste! A loura chamma do brazido
 Lambia um velho cedro crepitante.
 Eras tão triste ao lume da fogueira...
 Que eu derramei a lagrima primeira
 Quando enchuguei teu manto gottejante!

« Onde vaes, estrangeiro? Porque deixas,
 Esta infeliz, miserriima cabana?
 Inda as aves te afagam do arvoredó...
 Se quizeres... as flores do sylvedo
 Verás inda nas tranças da serrana.

« Queres voltar a este paiz maldicto
 Onde a alegria e o riso te deixaram?
 Eu não sei tua historia... mas que importa?...
 ...Boia em teus olhos a esperança morta
 Que as mulheres de lá te apunhalaram.

« Não partas, não! Aqui todos te querem!
 Minhas aves amigas te conhecem.
 Quando á tardinha volves da colina
 Sem receio da longa carabina
 De lagedo em lagedo as corças descem!

« Teu cavallo nitrindo na savana
Lambe as humidas grammas em meus dedos.
Quando a *fanfarra* tocas na montanha,
A matilha dos echos te acompanha
Ladrando pela ponta dos penedos.

Onde vaes, bello moço? Se partires
Quem será teu amigo, irmão e pagem?
E quando a negra insomniã te devora,
Quem na guitarra que suspira e chora.
Ha—de cantar-te seu amor selvagem?

« A choça do desterro é núa e fria!
O caminho do exilio é só de abrolhos!
Que familia melhor que meus disvellos?...
Que tenda mais subtil que meus cabellos
Estrellados no pranto de teus olhos?...

« Estranho moço! Eu vejo em tua fronte
Esta amargura atroz que não tem cura.
Acaso fulge ao sol de outros paizes,
Por entre as balsas de cheirosos lyzes,
A esposa que tua alma assim procura?

« Talvez tenhas além servos e amantes,
Um palacio em lugar de uma choupana.
E aqui só tens uma guitarra e um beijo;
E o fogo ardente de ideal desejo
Nos seios virgens da infeliz serrana!...

No entanto *Elle* partiu!... Seu vulto ao longe
Escondeu-se onde a vista não alcança...
...Mas não penseis que o triste forasteiro
Foi procurar nos lares do estrangeiro
O phantasma se quer de uma esperança!...

Currálinho, 29 de Abril 1870.

AS TREVAS.

(Traduzido do Lord Byron.)

A' MEU AMIGO, O DR. FRANCO MEIRELLES, INSPIRADO
TRADUCTOR DAS MELODIAS HEBRAICAS.

Tive um sonho que em tudo não foi sonho...

O sol brilhante se apagara: e os astros,
Do eterno espaço na penumbra escura,
Sem raios, e sem trilhos, vagueavam.
A terra fria balouçava cega

E tetrica no espaço ermo de lua.
 A manhã ia, vinha... e regressava...
 Mas não trazia o dia! Os homens pasmos
 Esqueciam no horror d'essas ruínas
 Suas paixões: E as almas conglobadas
 Gelavam-se n'um grito de egoísmo
 Que demandava « luz. » Junto ás fogueiras
 Abrigavam-se... e os thronos e os palacios,
 Os palacios dos reis, o albergue e a choça
 Ardiam por fanaes. Tinham nas chammas
 As cidades morrido. Em torno ás brasas
 Dos seus lares os homens se grupavam,
 P'ra á vez extrema se fitarem junctos.
 Feliz de quem vivia juncto ás lavas
 Dos volcões sob a tocha alcantilada!

Horrida esp'rança acalentava o mundo!
 As florestas ardiam!... de hora em hora
 Cahindo se apagavam; crepitando,
 Lascado o tronco desabava em cinzas.
 E tudo... tudo as trevas envolviam.
 As fronteas ao clarão da luz doente
 Tinham do inferno o aspecto... quando as vezes
 As faiscas das chammas horrifavam-nas.
 Uns, de bruços no chão, tapando os olhos
 Choravam. Sobre as mãos crusadas—outros—
 Firmando a barba, desvairados riam.
 Outros correndo á toa procuravam
 O ardente pasto p'ra funercas pyras.
 Inquietos, no esgar do desvario,
 Os olhos levantavam p'ra o céu torvo,
 Vasto sudario do universo—espectro—,
 E apés em terra se atirando em raivas,
 Rangendo os dentes, blasphemos, uivavam!

Lugubre grito os passaros selvagens
 Soltavam, revoando espavoridos
 N'um vôo tosto co'as inuteis azas!
 As feras 'stavam mansas e medrosas!
 As viboras rojando s'enroscavam
 Pelos membros dos homens, sibilantes,
 Mas sem veneno... a fome lhes matavam!
 E a guerra, que um momento s'extinguira,
 De novo se'fartava. Só com sangue
 Comprava-se o alimento, e após á parte
 Cada um se sentava taciturno,
 P'ra fartar-se nas trevas infinitas!
 Já não havia amor!... O mundo inteiro
 Era um só pensamento, e o pensamento
 Era a morte sem gloria e sem detença!
 O estertor da fome apascentava-se
 Nas entranhas... Ossada ou carne putrida
 Resupino, insepulto era o cadaver.

Mordiam-se entre si os moribundos:
 Mesmo os cães se atiravam sobre os donos,
 Todos excepto um só... què defendia
 O cadaver do seu, contra os ataques
 Dos passaros, das feras e dos homens;
 Até que a fome os extinguisse, ou fossem
 Os dentes frouxos saciar algures!
 Elle mesmo alimento não buscava...
 Mas, gemendo n'um uivo longo e triste
 Morreu lambendo a mão, que inanimada
 Já não podia lhe pagar o affecto.

Faminta a multidão morrerá aos poucos.
 Escaparam dous homens tão somente

De uma grande cidade. E se odiavam,
...Foi juncto dos tições quasi apagados
De um altar, sobre o qual se amontoaram
Sacros objectos p'ra um profano uso,
Que encontraram-se os dous... e, as cinzas mornas
Reunindo n'as mãos frias de espectros,
De seus sopros exhaustos ao bafejo
Uma chamma irrisoria produziram!...
Ao clarão que tremia sobre as cinzas
Olharam-se e morreram dando um grito.
Mesmo da propria hediondez morreram,
Desconhecendo aquelle em cuja fronte
Traçara a fome o nome de Duende!

O mundo fez-se um vacuo. A terra esplendida,
Populosa tornou-se n'uma massa
Sem estações, sem arvores, sem herva,
Sem verdura, sem homens e sem vida,
Cahos de morte, inanimada argila!
Calaram-se o Oceano, o rio, os lagos!
Nada turbava a solidão profunda!
Os navios no mar apodreciam
Sem marujos! os mastros desabando
Dormiam sobre o abysmo, sem que ao menos
Uma vaga na queda alevantassem,
Tinham morrido as vagas! e jaziam
As marés no seu tumulo... antes d'ellas
A lua que as guiava era já morta!
No estagnado céu murchara o vento;
Esvairam-se as nuvens. E nas trevas
Era só trevas o universo inteiro.

Bahia, 23 de Dezembro.

AVES DE ARRIBAÇÃO.

Pensava em ti nas horas de tristeza
Quando estes versos pallidos compuz.
Cercavam-me planícies sem belleza,
Pesava-me na fronte um céu sem luz.

Ergue este ramo solto no caminho.
Sei que em teu seio asylo encontrará.
Só tu conheces o secreto espinho
Que dentro d'alma me pungindo está!

(Fagundes Varella.)

Aves, ó primavera! á rosa! á rosa!

(Thomaz Ribeiro.)

I

Era o tempo em que as ageis andorinhas
Consultam-se na beira dos telhados,
E inquietas conversam, prescrutando
Os pardos horisontes carregados...

Em que as rolas e os verdes piriquitos
Do fundo do sertão descem cantando...
Em que a tribu das aves peregrinas
Os *Zingaros* do céu formam-se em bando!

Viajar! viajar! A brisa morna
Traz de outro clima os cheiros proveocantes:
A primavera desafia as azas,
Voam os passarinhos e os amantes!...

II

Um dia *Elles* chegaram. Sobre a estrada
Abriram á tardinha as persianas;
E mais festiva a habitação surria
Sob os festões das tremulas lianas.

Quem eram? Donde vinham?—Pouco importa
Quem fossem da casinha os habitantes.
—São noivos—: as mulheres murmuravam!
E os passaros diziam:—São amantes—!

Eram vozes—que uniam-se co'as brisas!
Eram risos—que abriam-se co'as flores!
Eram mais dous clarões—na primavera!
Na festa universal—mais dous amores!

Astros! Fallai d'aquelles olhos brandos.
Trepadeiras! Fallai-lhe dos cabellos!
Ninhos d'aves! dizei, n'aquelle seio,
Como era doce um pipi'ar d'anhelos.

Sei que ali se occultava a mocidade...
Que o idyllo cantava noite e dia...
E a casa branca á beira do caminho
Era o asylo do amor e da poësia.

Quando a noite enrolava os descampados,
O monte, a selva, a choça do serrano,
Ouviam-se, alongando á paz dos ermos,
Os sons doces, plangentes de um piano.

Depois suave, plena, harmoniosa
Uma voz de mulher se alevantava...
E o passaro inclinava-se das ramas
E a ostrella do infinito se inclinava.

E a voz cantava o *tremolo* medroso
De uma idéal sentida *barcarola*...
Ou nos hombros da noite desfolhava
As notas petulantes da Hespanhola!

III.

As vezes, quando o sol nas mattas virgens
A fogueira das tardes acendia,
E como a ave ferida ensanguentava
Os pincaros da longa serraia,

Um grupo destacava-se amoroso,
Tendo por tela a opala do infinito,
Dupla estatua de amor e mocidade
N'um pedestal de musgos e granito,

E embaixo o vale a descantar saudoso
 Na cantiga das moças lavadeiras!...
 E o riacho a sonhar nas cannas bravas.
 E o vento a s'embalar nas trepadeiras.

O' crepusculos mortos! Vóz dos ermos!
 Montes azues! Susurros da floresta!
 Quando mais vós tereis tantos affectos
 Vicejando comvosco em yossa festa?...

E o sol poente inda lançava um raio
 Do *caçador* na longa carabina...
 E sobre a fronte d'*Ella* por diadema
 Nascia ao longe a estrella vespertina.

IV.

É noite! Treme a lampada medrosa
 Velando a longa noite do *poeta*...
 Alem, sob as cortinas transparentes
 Ella dorme... formosa *Julicta*!

Entram pela janella quasi aberta
 Da meia noite os preguiçosos ventos
 E a lua beija o seio alvinitente
 —Flor que abraza das noites aos relentos.

O Poeta trabalha!... A fronte pallida
 Guarda talvez fatidica tristeza...
 Que importa? A inspiração lhe acende o verso
 Tendo por musa—o amor e a natureza!

E como o cactus desabrocha a medo
Das noites tropicaes na mansa calma,
A estrophe entreabre a petala mimosa.
Perfumada da essencia de sua alma.

No emtanto *Ella* desperta... n'um sorriso
Ensaia um beijo que perfuma a brisa...
...A Casta-diva apaga-se nos montes...
Luar de amor! acorda-te, Adalgiza!

V.

Hoje, a casinha já não abre á tarde
Sobre a estrada as alegres persianas.
Os ninhos desabaram... no abandono
Murcharam-se as grinaldas de lianas.

Que é feito do viver d'aquelles tempos?
Onde estão da casinha os habitantes?
...A Primavera, que arrebatou as azas...
Levou-lhe os passarinhos e os amantes!...

OS PERFUMES.

A L.

O sandalo é o perfume das mulheres de Stamboul, e das houris do propheta; como as borboletas, que se alimentam do mel, a mulher do Oriente vive com as gottas dessa essencia divina.

(*J. d'Alencar*)

O perfume é o involucro invisivel,
Que encerra as formas da mulher bonita.
Bem como a salamandra em chammes vive,
Entre perfumes a sultana habita.

Escrinio avelludado onde se guarda
 —Collar de pedras—a belleza esquiva,
 Especie de crysalida, onde mora
 A borboleta dos salões—a Diva.

Almà das flores—quando as flores morrem,
 Os perfumes emigram para as bellas,
 Trocam labios de virgens—por boninas,
 Trocam lyrios—por seios de donzellas!

E ali—sylphos travessos, traiçoeiros
 Voam cantando em languido compasso
 Occultos nesses calices macios
 Das covinhas de um rosto ou d'um regaço.

Vós, que não entendeis a lenda occulta,
 A linguagem mimosa dos aromas,
 De Magdalena a urna olhaes apenas
 Como um primor de orientaes redomas;

E não vêdes que ali na myrrha e nardo
 Vai toda a crença da Judia loura...
 E que o oleo, que lava os pés do Christo,
 É uma resa tambem da peccadora.

Por mim eu sei que ha confidencias ternas,
 Um poema saudoso, angustiado,
 Se uma rosa de ha muito emmurchecida,
 Rola accaso de um livro abandonado.

O espirito talvez dos tempos idos
Desperta ali como invisivel nume...
E o poeta murmura suspirando:
« Bem me lembro... era este o seu perfume! »

E que segredo não revela acaso
De uma mulher a predilecta essencia?
Ora o cheiro é lascivo e provocante!
Ora casto, infantil, como a innocencia!

Ora propala os sensuaes anceios,
D'alcova de Ninon ou Margarida,
Ora o mysterio divinal do leito,
Onde sonha Cecilia adormecida.

Aqui, na magnolia de Celuta
Lambe a solta madeixa, que se estira.
Unge o bronze do dorso da caboc'la,
E o marmore do corpo da Hetaira.

É que o perfume denuncia o espirito
Que sob as formas feminis palpita...
Pois como a salamaudra em chammas vive,
Entré perfumes a mulher habita.

Currallinho, 21 de Junho de 1870.

IMMENSIS ORBIBUS ANGUIS.

Sibila lambebat linguis vibrantibus ora,
(*Virgilio.*)

I

Resvala em fogo o sol dos montes sobre a espalda,
E lustra o dorso nú da índia americana...
Na selva zumbe emtanto o insecto de esmeralda,
E pouxa o colibri nas flores da liana.

Ali—a luz cruel, a calmaria intensa!
Aqui—a sombra, a paz, os ventos, a cascata...
E a pluma dos bambús a tremular immensa...
E o canto de aves mil... e a solidão... e a matta...

É a hora em que, fugindo aos raios da esplanada;
 A Indígena, a gentil matrona do deserto
 Amarra aos palmeirões a rede mosqueada,
 Que, leve como um berço, embala o vento incerto...

Então ella abandona-lhe ao beijo apaixonado
 A perna a mais formosa—o corpo o mais macio;
 E, as palpebras cerrando, ao filho bronzeado
 Entrega um seio nú, moreno, luzidio.

Porém dentre os espátos esguios do coqueiro,
 Do verde gravatá nos cachos reluzentes,
 Enrosca-se e desliza um corpo surrateiro
 E desce devagar pêl-os cipós pendentes.

E desce... e desce mais... á rede já se chega...
 Da índia nos cabellos a longa cauda some...
 Horror! aquelle horror ao peito eis que se apega!
 A baba—quer o leite!—A chaga—sente fome!

O veneno—quer mel!—A escama quer a pelle!
 Quer o almiscar—perfume!—O immundo quer—o bello!
 A lingua do reptil—lambendo o seio imbelle!...
 Uma cobra—por filho... Horriavel pesadelo!...

II

Assim, minh'alma, assim um dia adormeceste
 Na floresta idílica da ardente mocidade...
 Abria a phantasia—a petala celeste...
 Zumbia o sonho d'ouro em doce obscuridade...

Assim, minh'aima deste o seio (ó dor immensa!)
Onde a paixão corria indomita e fremente!
Assim bebeu-te a vida, a mocidade e a crença
Não boca de mulher... mas de fatal serpente!...

Rio de Janeiro 13 de Outubro de 1869.

A' UMA ACTRIZ.

(NO SEÛ BENEFICIO.)

Branco cysne, que vogavas
Das harmonias no mar,
Pomba errante de outros climas,
Vieste aos cerros pousar.
Inda bem. Sob os palmares
Na vóz do condor, dos mares,
Das serranias, dos céus...
Sente o homem,—que é poeta.
Sente o vate—que é propheta
Sente o propheta—que é Deus,

Ha alguma cousa de grande
 Deste mundo na amplidão,
 Como que a faee do Eterno,
 Palpita na ereação...
 E o homem que olha o deserto,
 Diz eomsigo: « Deus 'stá perto
 Que a grandeza é o Creador. »
 E, sob as paternas vistas,
 Larga redeas ás conquistas,
 Pede as azas ao condor.

Inda bem. A gloria é isto...
 É ser tudo... é ser qual Deus...
 Agitar as selvas d'alma
 Ao sopro dos labios teus...
 Dizer ao peito—suspira!
 Dizer á mente—delira!
 A gloria inda é mais: É ver
 Homens, que tremem—se tremes!
 Homens, que gemem—se gemes!
 Que morrem—se vás morrer!

A gloria é ter com o tridente
 Refreada a multidão,
 —Oceano de pensamentos
 Que tu agitas co'a mão!
 —Montanha feita de idéas,
 Que sustenta as epopéas
 Que é do genio pedestal!
 —Harpa immensa feita de almas,
 Que rompe em hymnos e palmas,
 Ao teu toqué divinal.

Mas esqueceste... Não basta
« Chegar, olhar e vencer »
Do genio a maior grandeza
O ser divino é soffrer.
Diz!... Quando ouves a torrente
Do enthusiasmo na enchente
Vir espumar-te laureis;
N'est'hora grande não sentes
Longe os silvos das serpentes,
Que tentam morder-te os pés?

Inda é a gloria—rainha
Que jamais caminha só.
Ai! Quem sobe ao Capitolio
Vai precedido de pó.
Porém tu zombas da inveja...
Se á noite o raio lampeja
Tu fazes delle um clarão!
Pela tormenta embalada
Ao som da orchestra arroubada
Vaes te perder n'amplidão.

Recife 27 de Setembro de 1866.

CANÇÃO DO BOHEMIO.

(REGITATIVO DA « MEIA HORA DE CYNISMO: »)

COMEDIA DE COSTUMES ACADEMICOS.

Musica de Emilio do Lago.

Que noite fria! Na deserta rua
Tremem de medo os latrões sombrios.
Densa *garoa* faz fumar a lua
Ladram de tedio vinte cães vadios.

Nini formosa! porque assim fugiste?
 Em balde o tempo á tua espera conto.
 Não vês, não vês?... Meu coração é triste
 Como um calouro quando leva *ponto*.

A' passos largos eu percorro a sala
 Fumo um cigarro, qué filei na *escola*...
 Tudo no quarto de Nini me falla
 Em balde fumo... tudo aqui me *amola*.

Diz-me o relógio *cynicando* á um canto
 • Onde está ella que não veio ainda?
 Diz-me a poltrona porque tardas tanto?
 Quero aquecer-te, rapariga linda.

Em vão a luz da crepitante vela
 De Hugo clarêa uma canção ardente;
 Tens um idyllio—em tua fronte bella...
 Um dythirambo—no teu seio quente...

Pego o compendio... inspiração sublime
 P'ra adormecer... inquietações tamanhas...
Violei á noite o domicilio, ó crime!
 Onde dormia uma nação... de aranhas...

Morrer de frio quando o peito é braza...
 Quando a paixão no coração se aninha!...
Vós todos, todos, que dormís em casa,
Dizei se ha dor, que se comparè á minha!...

Nihil o horror d'este soffrer pungente
 Só teu sorriso neste mundo acalma...
 Vem aqueeer-me em teu olhar ardente...
 Nini! tu és o *cache-nez* d'est'alma.

Deus do Bohemio!... São da mesma raça
 As andorinhas e o meu anjo louro...
 Fogem de mim se a *primavera* passa
 Se já nos campos não ha flores de *ouro*...

E tu fugiste, presentindo o inverno,
Mensal inverno do viver bohemio...
 Sem te lembrar que por um riso terno
 Mesmo eu tomara a *primavera á premio*...

No entanto ainda do Xerez fogoso
 Duas garrafas guardo ali... *Que minas!*
 Além de um lado o violão saudoso
 Guarda no seio inspirações divinas...

Se tu viesses... de meus labios tristes
 Rompera o canto... Que esperança ingloria!...
 Ella esqueceu o que jurar-lhe vistes
O' Paulicéa, ó Ponte-grande, ó Gloria!...

Batem!... Que vejo! Eil-a á final commigo...
 Foram-se as trevas... fabricou-se a luz..
 Nini! pequei... dá-me exemplar castigo!
 Sejam teus braços... do martyrio a cruz!...

É TARDE!

Olha-me, ó virgem,
Olha-me os olhos sei
A pallidez do infortu
Por minhas faces tra
Olha, ó virgem—não
Eu só tenho a lyra

(*Junqueira*)

É tarde! É muit

(*Mont'Al*)

É tarde! É muito tarde! O templo é negro...
O fogo—sancto já no altar não arde.
Vestal! não venhas tropeçar nas pyras...
É tarde! É muito tarde!

Treda noite! E minh'alma era o sacrarie,
 A lampada do amor velava emtanto,
 Virgem flor enfeitava a borda virgem
 Do vaso sacrosanto;

Quando Ella veio—a negra feiticeira—
 A libertina, lugubre bacchante,
 Lascivo olhar, a trança desgrenhada,
 A roupa gottejante.

Foi minha crença—o vinho dessa orgia,
 Foi minha vida—a chamma que apagou-se,
 Foi minha mocidade—o toro lubrico.
 Minh'alma—o tredo alcouce.

E tu, visão do céu! Vens tacteando
 O abysmo onde uma luz sequer não arde?
 Ai! não vás resvalar no chão lodoso...
 É tarde! É muito tarde!

Ai! não queiras os restos do banquetel
 Não queiras esse leite conspurcado!
 Sabes? meu beijo te manchara os labios
 N'um beijo profanado.

A flor do lyrio de celeste alvura
 Quer da luciola o pudico afago...
 O cysne branco no arrufar das plumas
 Quer o aljofar do lago.

É tarde! A rola meiga do deserto
 Faz o ninho na moita perfumada...
 Rola de amor! não vás ferir as azas
 Na ruina gretada.

Como o templo, que o crime encheu de espanto,
 Ermo e fechado ao fustigar do norte,
 Nas ruínas d'esta alma a raiva geme...
 E cresce o cardo—a morte—.

Ciume! dor! sarcasmo!—Aves da noite!
 Vós povoais-me a solidão sombria,
 Quando nas trevas a tormenta ulula
 Um uivo de agonia!...

.....

É tarde! Estrella d'alva! o lago é turvo.
 Dançam fogos no pantano sombrio.
 Pedes a Deus que dos céus as cataratas
 Façam do brejo—um rio!

Mas não!... Somente as vagas do sepulchro
 Hão-de apagar o fogo que em mim arde...
 Perdoa-me, Senhora!... Eu sei que morro...
 É tarde! É muito tarde!...

Rio de Janeiro, 3 de Novembro 1869.

A MEU IRMÃO GUILHERME DE CASTRO ALVES.

Na cordilheira altissima dos Andes
Os Chimborazos solitarios, grandes
Ardem n'aquellas hibernaes regiões.
Ruge embalde e fumea a solfatéra...
É dos labios sangrentos da cratera
Que a avalanche vacilla aos furacões.

A escoria rubra com os geleiros brancos
Misturados resvalam pelos flancos
Dos hombros friorentos do vulcão...
.....
Assim, Poeta, é tua vida immensa,
Cerca-te o gelo, a morte, a indiferença...
E são lavas lá dentro o coração.

Currallinho—Julho 1870.

QUANDO EU MORRER...

Éu morro, eu morro. A matutina brisa
Já não me arrauca um riso. A fresca tarde
Já não me doura as descoradas faces
Que gelidas se encovão.

(Junqueira Freire.)

Quando eu morrer... não lancem meu cadáver
No fosso de um sombrio cemiterio...
Odeio o mausoléu que espera o morto
Como o viajante d'esse hotel funereo.

Corre nas veias negras d'esse marmore
Não sei que sangue vil de messalina,
A cova, n'um bocejo indifferente,
Abre ao primeiro a boca libertina.

Eil-a a náu do sepulchro—o cemiterio...
Que povo estranho no porão profundo!
Emigrantes sombrios que se embarcam
Para as plagas sem fim do outro mundo.

Tem os fogos—errantes—por santelmo.
Tem por velame—os pannos do sudario...
Por mastro—o vulto-escuido do cipreste,
Por gaivotas—o mocho funorario...

Ali ninguem se firma a um braço amigo
Do inverno pelas lugubres noitadas...
No tombadilho indifferentes chocam-se
E nas trevas esbarram-se as ossadas...

Como deve custar ao pobre morto
Ver as plagas da vida além perdidas,
Sem ver o branco fumo de seus lares
Levantar-se por entrê as avenidas!...

Oh! perguntai aos frios esqueletos
Porque não tem o coração no peito...
E um d'elles vos dirá - Deixei-o á pouco
De minha amante no lascivo leito. -

Outro - Dei-o a meu pai. - Outro: « Esqueci-o
Nas innocentes mãos de meu filhinho. »...
...Meus amigos! Notai... bem como um passaro
O coração do morto volta ao ninho!...

S. Paulo,—Março 1869.

UMA PAGINA DE ESCOLA REALISTA.

DRAMA COMICO EM QUATRO PALAVRAS.

A tragedia me faz rir; a comedia me faz chorar;
E o drama? Nem rir, nem chorar...

(Pensamento de *Carnioli*.)

SCENARIO,

A alcovã é fria e pequena
Abrindo sobre um jardim.
A tarde frouxa e serena
Já desmaia para o fim.
No centro um ~~rito~~ fechoado
Deixa o longo cortinado
Sobre o tapete rolar...
Ha, nas jarras deslumbrantes,
Camelias frias, brilhantes,
Lembrando a neve polar.

Livros esparsos por terra,
 Uma harpa cahida além;
 E essa tristeza, que encerra
 O asylo, onde soffre alguem.
 Fitas, mascaras e flores
 Não sei que vagos odores
 Fallam de amor e prazer.
 Além da frouxa penumbra
 Um vulto incerto ressumbra
 —O vulto de uma mulher.

*Vous, qui volez là-bas, légères hirondelles
 Dites-moi, dites-moi, pourquoi vais je mourir.*

(Musset.)

MARIO (no leito.)

É tarde! é tarde! Abri-me estas cortinas
 Deixai que a luz me acaricie a fronte!...]
 O' sol, ó noivo das regiões divinas,
 Suspende um pouco a luz neste horisonte!

SILVIA (abrindo a janella.)

Da noite o frio vento te regola
 O morbido suor...

MARIO.

Oh! que me importa?
 A tarde doura-me o suor da fronte...
 —Ultimo louro desta vida morta!

Crepuscul'ol! mocidade! natureza!
 Innundai de fulgor meu dia extremo...
 Quero banhar-mo em vagas de harmonía,
 Como no lago se mergulha o remo!

E que amores que sonham as esphera!
 A brisa é de volupia um calafrio.
 A estrella sai das folhas do infinito,
 Sai dos musgos o verme luzidio....

Tudo que vive, que palpita e sente
 Chama o par amoroso para a sômbra.
 O pombo arrula—preparando o ninho,
 A abelha zumbe—preparando a alfonbra.

As trevas rolam como as tranças negras,
 Que a Andalusã desmãtcha em rãgo enleio;
 E entre rendas subtis surge medrosa
 A lua plena, qual moreño scio.

Abre-se o ninho... o calice... o regaço...
 Amphitrite, corando, aguarda o noivó...

(Longa pausa.)

E tu tambem esperas teu esposo,
 O' morte! ó moça, que engrinalda o goivó!

SILVIA (á meia voz, acompanhando-se na guitarra.)

Dizem as moças galantes
 Que as rolas são tão constantes...

Pois será?

Que morrendo-lhe os amantes,
 Merrem de fome, arquejantes,

Quem dirá?

Dizem sabios arrogantes
 Que nestas terras distantes,
 Não por cá,
 Sobre pyras fumegantes
 Morrem viúvas constantes,
 Pois será?

Não creio nos navegantes
 Nem nas historias galantes,
 Que ha por lá.
 Fome e fogueiras brilhantes
 Cá não ha...
 Mas inda morrêm amantes
 De saudades lacerantes
 Quem dirá?

(aos ultimos harpejos cai-lhe uma lagrima.)

MARIO (vendo-a chorar.)

Silvia! Deixa rolar sobre a guitarra,
 Da lagrima a harmonia peregrina!
 Silvia! cantando—és a mulher formosa!
 Silvia! chorando—és a mulher divina!

Oh! lagrimas e perolas!—aljofares
 Que rebentais no interno cataclysmo,
 Do oceano—este dedalo insondavel!
 Do coração—este profundo abysmo!

Silvia! dá-me a beber a gotta d'agua,
 Nessa palpebra roxa como o lyrio...
 Como lambe a gazella o brando orvalho
 Nas largas folhas do deserto assyrio.

E quando est'alma desdobrando as azas
 Entrar do céu na região serena,
 Como uma estrella eu levarei nos dedos
 Teu pranto sideral, ó Magdalena!...

SILVIA (tem-se ajoelhado aos pés do leito.)

Meus prantos sirvam apenas
 P'ra humedecer teus cabellos,
 Como da eorça nos velos
 Freseo orvalho á resvalar!
 P'ra molhar a flor, que aspire
 Rolem prantos de meus olhos,
 P'ra atravessar os escolhos
 Meus prantos manda rolar!...

Meus prantos sirvam apenas
 P'ra a terra, em que tu pizares,
 P'ra a sede, em que te abrazares,
 Terás meu sangue, Senhor!
 Meus prantos são óleo humido
 Que eu derramo á tuas plantas...

(Mario estende lhe os braços.)

Mas-se acaso me levantas
 Meus prantos dizem-te amor!...

MARIO (tendo-a contra o seio.)

Sentir que a vida vai fugindo aos poucos
 Como a luz, que desmaia no occidente...
 E boiar sobre as ondas do sepulchro,
 Como Ophélia nas agoas da corrente!...

Sentir o sangue espadanar do peito
 —Licor de morte—sobre a boca fria,
 E meu labio enchugar nos teus cabellos,
 Como Rola nas tranças de Maria,

De teus braços fazer o diadema
 De minha vida, que desmaia insana,
 Esquecer o passado em teu regaço,
 Como Byron aos pés da Italiana;

Em teu labio molhado e perfumoso
 O licor entornar de minha vida...
 Escutar-te nas vascas da agonia,
 Como Fausto as canções de Margarida!...

Eis como eu quero—na embriaguez da morte—
 Do banquete no chão pender a fronte...
 Inda a taça empunhando de teus beijos
 Sob as rosas gentis de Anacreonte!...

(A noite tem descido pouco á pouco, o luar penetrando
 pela alcova alúmia o grúpo dos amantes).

SILVIA.

Que pallidez, meu poeta,
 Se estende na face tua!...

MARIO.

São os raios descorados,
 Os alvos raios da lua!

SILVIA.

Mas um suor de agonia
 Teu peito ardente tressúa...

MARIO.

São os orvalhos, que descem
Ao frio clarão da lua.

SILVIA.

Que mancha é esta sangrenta,
Que no teu labio fluctúa?

MARIO.

São as sombras de uma nuvem
Que tolda a face da lua!

SILVIA.

Como teus dedos esfriam
Sobre minha espadua nua!...

MARIO (distrahido.)

Não vês um anjo, que desce,
No frouxo clarão da lua?...

SILVIA.

Mario? Não vês quem te chama?...
Tua amante... Silvia... a tua...

MARIO (desmaiando)

É a morte que me leva
N'um frio raio da lua!...

O poeta cai semi-morto sobre o leito. No espasmo sua mão
contrahida prende uma trança da moça.)

SILVIA.

Teus brancos dedos fecharam,
De meu cabelo a madeixa,
Tua amante não se queixa...
Bem vês... captiva ficou!
Mas não se prende o desejo
Que n'alma acaso se aninha!...
Nunca viste a andorinha,
Que alegre o fio quebrou?

(Ouve-se um relógio dar horas.)

Já! tão tarde! E embalde tento
Abrir-te os dedos fechados...
Como frios cadeados,
Que o teu amor me lançou.
Porem se aqui me captivas
Minh'alma foge-te asinha...
Nunca viste a andorinha,
Que alegre o fio quebrou!...

(Debruça-se á escrever n'uma carteira.)

• Paulo! Vem á meia noite...
Mario morre! Mario expira!
Vem que minh'alma delira
E embalde captiva estou... •

MARIO (que tem lido por cima de seu hombro.)

Silvia! a morte abre-me os dedos
És livre, Silvia... caminha!

(morrendo.)

Minh'alma é como a andorinha,
Que alegre o fio quebrou,

1870,

COUP D'ÉTRIER.

É preciso partir! Já na calçada
Retinem as esporas do arrieiro;
Da mula a ferradura taxeadá
Impaciente chama o cavalleiro;
A espaços ensaiando uma toada
Sincha as bestas o lepidó tropeiro...
Sóa a celeuma alegre da partida,
O pagem firma o lóro e empunha a brida,

Já do largo deserto o sopró quente
Mergulha perfumado em meus cabellos.
Ouço das solvas a oanção cadente
Segredando-me incognitos anhelos.

A voz dos servos pitoresca; ardente
 Falla de amores fervidos, singelos...
 Adeus! Na folha rôta de meu fado
 Traço ainda um—adeus—ao meu passado.

Um adeus! E depois morra no olvido
 Minha historia de luto e de martyrio,
 As horas que eu vaguei louco, perdido
 Das cidades no tetrico delirio;
 Onde em pantano turvo, apodrecido
 D'íntimas flores não rebenta um lirio...
 E no drama das noites do prostibulo
 É martyr—alma... e saturnal—patibulo!

Onde o Genio succumbe na asphixia]
 Em meio á turba alvar e zombadora;
 Onde Musset suicida-se na orgia,
 E Chatterton na fome aterradora!]
 Onde, á luz de uma lampada sombria,
 O Anjo—da—Guarda ajoelhado chora,
 Enquanto a cortezan lhe apanha os prantos
 P'ra realce dos lubricos encantos!...

Abre-me o seio, ó Madre Natureza!
 Regaços da floresta americana,
 Acalenta-me a mádida tristeza
 Que da vaga das turbas espadána.
 Troca d'est'alma a fria morbidez
 N'essa uberrima seiva soberana!...
 O *Prodigo*... do lar procura o trilha...
 Natureza! Eu voltei... e eu sou teu filho!

Novo alento selvagem, grandioso
Treme nas cordas d'esta frouxa lyra.
Da-me um plectro bizarro e magestoso,
Alto como os ramaes da sicupira.
Cante meu genio o dédalo assombroso
Da floresta que rugé e que suspira,
Onde a vibora lambe a parasita...
E a onça fula o dorso pardo agita!

Onde em calix de flor imaginaria
A cobra de coral rola no orvalho,
E o vento leva a um tempo o canto vario
D'araponga e da serpe de chocalho...
Onde a soidão é o magno estradivario...
Onde ha musculos em furia em cada galho,
E as raizes se torcem quaes serpentes...
E os monstros jazem no hervaçal dormentes.

E se eu dovo expirar... se a fibra morta
Reviver já não pode a tanto alento...
Companheiro! Uma cruz na selva corta
E planta-a no meu tosco monumento!...
Da chapada nos ermos... (o qu'importa?)
Melhor o inverno chora... e geme o vento.
E Deus para o poeta o céu desata
Semeado de lagrimas de prata!...

Curralinho, 1 de Junho 1870.

FIM.

NOTAS.

PROLOGO.

« Era por uma dessas tardes... etc. »

Era por uma dessas noites vagarosas do inverno, em que o brilho de um céu sem lua é vivo e tremulo; em que o gemer das selvas é profundo e longo; em que a soledade das praias e ribas fragosas do oceano é absoluto e tétrico.

(Eurico—cap. 4.º)

AO DOUS DE JULHO.

Riachuelo e Cabrito... etc.

D'estes només, o primeiro (todos o sabem) recorda a mais gloriosa batalha ferida em agoas da America do sul: o segundo, (menos conhecido talvez) lembra um glorioso feito d'armas dos tempos da Independencia.

A bravura é uma herança 'nesta nobre terra! E o passado póde repetir ao presente como o D. Diegue de Córnelie:

« Montre toi digne fils d'un père tel que moi.

SUB TEGMINE FAGI.

Como no Dante a pallida Francesca. »

Francesca de Rimini é deveras a rosa pallida das estrophes do Inferno Dantesco.

A MACIEL PINHEIRO.

Maciel Pinheiro é um d'estes moços que symbolisam o enthusiasmo e a corágem, a independencia e o talento, nas Academias. Poeta e jornalista o moço estudante, aos reclamos da patria, improvisou-se soldado. Hoje que o tempo e a distancia nos separam é me grato fallar de um dos mais nobres caracteres que tenho conhecido.

AS TREVAS E A TAÇA.

Offerecendo estas traducções ao Dr. Franco Meirelles, o auctor junta a um tributo de amizade um preito de admiração ao mimoso e festejado traductor das « Melodias-Hebraicas » do poeta Inglez.

OS JESUITAS.

Esta poesia é o verso de uma medalha, cujo reverso (—Os Frades—) sahirá talvez em outro livro, que o auctor imagina publicar.

Com quer que seja, talvez fosse mais proprio o titulo de—Apostolos—, estas palavras porém são ou foram synonymos na America do sul. Que o digam Nobrega e Anchieta.

VERSOS DE UM VIAJANTE.

Os pyrillampos que trazeis nas coifas , etc.

É uma graciosa invenção dos « Trabalhadores do mar » onde se lê que *as moças do Rio de Janeiro assim, á noite parecem trazer estrellas no toucado.*

MURMURIOS DA TARDE.

E como a foice que no chão fulgura

« Mostrava a lua o semicirculo d'ouro, etc. »

Creio ter visto nas « Orientaes » ou algures uma imagem semelhante.

AS DUAS ILHAS.

Victor Hugo escreveu—As duas ilhas—a Napoleão.

Ájacio e Santa Helena—berço e tumulo do heróe—, justificam o titulo d'essa ode sublime.

Os presentes versos tem por assumpto Jersey e Santa Helena, Hugo e Napoleão.—Duas enormes peanhas—para dous enormes vultos.

Ha não sei que similhanças n'estes dous perfis (aliás tão distintos) que o espirito do pensador os reúne n'uma fraternidade lógica.

Parece que se Hugo tivesse sido guerreiro chamar-se-hia Napoleão; e que o heroe de Austerlitz—poeta escreveria Lucrecia Borgia. E depois serem genios não é serem irmãos? E depois não é predeterminação esta confraternidade de exilio? estes dous postes? estes dous mares? estas duas solidões? A Europa os irmanou, arrojando-os do Continente... a estes dous leprosos... de divindade.

O auctor quiz apenas denunciar a razão de ser d'estes versos, de cujo merito elle nem ousa fallar depois de haver pronunciado taes nomes.

À MEU IRMÃO GUILHERME.

« Na cordilheira altíssima dos Andes etc. »

Lê-se no *Cosmos* do Humboldt:

« Les volcans qui s'élevent au dessus de la limite des neiges perpétuelles, comme ceux de la chaîne des Andes, présentent des phénomènes particuliers. Les masses de neige qui les recouvrent fondent subitement pendant les éruptions et produisent des inondations redoutables, des torrents, qui entraînent pêle-mêle des blocs de glace et des scories fumantes etc. »

QUANDO EU MORRER.

Estes versos foram escriptos quando júlgava o auctor repousar em terra estranhá.

A febre e o soffrimento fizeram que elles ficassem truncados. Completal-os mais tarde seria de alguma sorte tirar-lhes o unico merito, que por acaso têm.

FIM DAS NOTAS.

INDICE.

	PAG.
Dedicatória	
Prologo	
O livro e a America.....	1
Hebréa.....	5
Quem dá aos pobres, empresta á Deus.....	9
O laço de fita.....	13
Ahasverus é o genio.....	17
Mocidade e morte.....	21
Ao Dous de Julho.....	25
Os tres amóres.....	29
O Phantasma e a canção.....	31
O gondoleiro do amor.....	35
Sub tegmine fagi.....	37
As tres irmãs do poeta.....	41
O vóo do genio.....	43
O adeus de Thereza.....	47
A volta da primavera.....	49
A' Maciel Pinheiro.....	51
A' uma taça feita de um craneo humano.....	55
Pedro Ivo.....	57
Oitavas á Napoleão.....	67
Bôa-noite.....	71
Adormecida.....	75
Jesuitas.....	77
Poesia e mendicidade.....	81
Hymno ao somno.....	87
No album do artista L. C. Amoedo.....	91
Versos de um viajante.....	93
Onde estás?.....	95
A' Boa-Vista.....	97
A' uma estrangeira.....	103
Perseverando.....	107
O' coração.....	111
Murmurios da tarde.....	113
Pelas sombras.....	117
Odo ao Dous de Julho.....	121
As duas flores.....	125
O tonel das Danaides.....	127

	PAG.
A' Luiz.....	129
Dalila.....	131
As duas ilhas.....	135
Ao actor Joaquim Augusto.....a.....	139
Os anjos da meia noite.....	143
O hospede.....	153
As trevas.....	157
Aves de arribação.....	161
Os perfumes.....	167
Immensis orbibus anguis.....	170
A' uma actriz.....	173
Canção do Bohemio.....	177
É tarde.....	181
A' meu irmão Guilherme de Castro Alves.....	185
Quando eu morrer.....	187
Uma pagina da escola realista.....	189
Coup d'étrier.....	199
Notas.....	203

Estão nos prêlos as seguintes obras de Castro Alves:

GONZAGA OU A REVOLUÇÃO DE MINAS,

DRAMA EM 4 ACTOS,

A CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO,

POEMETA,

